

Antonio Sergio Baquer de Barros

**ANÁLISE DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO SOBRE A GESTÃO
DOS RECURSOS DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em Avaliação, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Métodos e Gestão em Avaliação.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Cid Bastos.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Barros, Antonio Sergio Baquer de
Análise do Nível Socioeconômico sobre a Gestão dos
Recursos de Desenvolvimento da Leitura nas Escolas
Municipais / Antonio Sergio Baquer de Barros ;
orientador, Rogério Cid Bastos, 2017.
81 p.

Dissertação (mestrado profissional) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Métodos e
Gestão em Avaliação, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Métodos e Gestão em Avaliação. 2. Nível
socioeconômico e leitura. I. Bastos, Rogério Cid.
II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em
Avaliação. III. Título.

Antonio Sergio Baquer de Barros

**ANÁLISE DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO SOBRE A GESTÃO
DOS RECURSOS DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS
ESCOLAS MUNICIPAIS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Métodos e Gestão em Avaliação”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em Avaliação.

Florianópolis, 08 de março de 2017.

Prof. Dr. Renato Cislaghi
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Rogério Cid Bastos, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Marcelo Macedo, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Fernando Alvaro Ostuni Gauthier, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Renato Cislaghi, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à minha mãe
Lenice.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar meus caminhos na direção certa, sustentando-me nos momentos de adversidade, presenteando-me com a oportunidade de realizar o presente trabalho.

Ao meu pai, Antonio Mendes de Barros, por todo o apoio e os conselhos nas horas necessárias. A minha mãe, Lenice Baquer de Barros, pelo presente da vida e por tudo que sou, a quem serei eternamente grato. A minha irmã Fabiola Baquer, sempre presente em todos os momentos.

A minha amada esposa Lucy Knidel, pela paciência, compreensão e amor durante essa jornada. A minha filha Hillary T. K. Baquer de Barros, pelo amor imenso e pelas vezes que não pude dedicar-lhe a atenção de pai, durante a realização deste trabalho.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pelo acolhimento e por abrir um novo horizonte intelectual e profissional.

Ao Prof. Dr. Renato Cislighi, coordenador do PPGMGA, pela dedicação e atenção em todas as etapas do curso. A Katiana, pelo acolhimento e empenho em fazer com que nossas viagens e estadias em Florianópolis fossem da melhor forma possível.

Ao Prof. Dr. Rogério Cid Bastos, pela orientação atenciosa e pela motivação, compartilhando generosamente seu conhecimento e experiência.

Aos Profs. Drs. Adriano Ferreti Borgatto, Alexandre Moraes Ramos, Dalton Francisco Andrade, Dilvo Ilvo Ristoff, Fernando Ostuni Gauthier, Marcelo Menezes Reis, Pedro Alberto Barbeta, Rafael Tezza e Silvia Modesto Nassar, pela excelência no exercício da docência e pela oportunidade que nos deram de ampliar nossa visão de mundo.

A todos os colegas da turma que tornaram agradável e única essa experiência e, em especial, ao Teo Rosendo, Paulo Madsom e Paulo Augusto, pela amizade duradoura.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra contribuíram, desde o início deste sonho que hoje torna-se realidade.

É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade.

Immanuel Kant

RESUMO

O Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) é um importante instrumento para a compreensão dos fenômenos educacionais. Pela primeira vez em 2013, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgou o desempenho médio de cada escola, conjuntamente com seu respectivo Inse, consolidado a partir das informações dos alunos, classificando as unidades de ensino em 07 Grupos Socioeconômicos que auxiliam na contextualização dos resultados dos testes de proficiência do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). A partir desse fato, esta pesquisa buscou identificar a correlação entre o Inse das escolas e a forma como os recursos de leitura estão disponibilizados para os alunos. Avaliações em larga escala como o Saeb e o Pisa têm apresentado dados sobre o baixo nível de proficiência de estudantes brasileiros, principalmente em leitura. Ocorre que o nível socioeconômico não atinge apenas a condição familiar do aluno para prover melhores condições para o seu sucesso escolar, mas também a forma como são gerenciados os recursos para o desenvolvimento da prática da leitura, dentro das unidades de ensino. Comparando as respostas do questionário das escolas com as respostas do questionário dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, foi possível constatar as diferenças significativas entre cada grupo de escolas, conforme seu Inse, em recursos como: espaços para estudos coletivos; condições de uso da biblioteca; diversidade do acervo escolar; presença de um responsável na biblioteca ou sala de leitura dentre outros. Para a realização desta pesquisa, foram utilizados como fonte secundária os microdados do Saeb da edição 2013, que está disponível no portal do Inep. Os resultados podem contribuir para repensar a forma como são geridas as escolas e seus recursos de desenvolvimento da leitura, de acordo com o contexto socioeconômico em que se encontram.

Palavras-chave: Nível socioeconômico. Proficiência em leitura. Biblioteca escolar.

ABSTRACT

The Socioeconomic Level Indicator (SELI) is an important instrument for understanding educational phenomena. For the first time, in 2013, the National Institute for Studies and Educational Researches Anísio Teixeira (INEP) announced the average performance of each school along with their respective SELI, consolidated from information provided by the students. Thus, the educative units are classified in to seven Socioeconomic Groups, which aid in contextualizing the results from proficiency tests of the National Basic Education Evaluation System (SAEB). Considering this, this research aimed at identifying the correlation between the SELI of the schools and the form in which the reading resources are made available to the students. Large-scale evaluations, such as SAEB and PISA, have presented data on the low level of proficiency of Brazilian students, especially concerning reading. It occurs that the socioeconomic level does not only reach the familial condition of the student to promote better conditions for success at school, but also the form in which the resources for developing the practice of reading are managed within the school. Comparing the answers to the questionnaires from the schools with the answers given by students of the 5th year of basic education, it was possible to verify significant differences between each group of schools according to its SELI, in resources, such as: spaces for collective studying; use conditions of the library; diversity of the collection; presence of a guardian in the library or in the reading room, among others. For conducting this research, the SAEB microdata from the 2013 edition were used, which are available at the INEP portal. The results can contribute for rethinking the form in which the schools and their reading development resources are managed according to the socioeconomic context in which they are found.

Keywords: Socioeconomic level. Reading proficiency. School library.

LISTA DE FIGURAS

Figura 4.1 - Composição do Saeb.	41
---------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 - Nível socioeconômico conforme descrição.....	36
Quadro 3.2 - Forma de classificação das escolas em grupos socioeconômicos com base no Inse médio dos alunos.....	39
Quadro 4.1 - Questões selecionadas do Questionário da Escola.....	42
Quadro 4.2 - Questões selecionadas do questionário do aluno.....	45
Quadro 4.3 - Questões do questionário da escola e do questionário do aluno utilizadas na pesquisa.....	45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 - Proficiência média por Grupo Socioeconômico	23
Gráfico 1.2 - Proporção de unidade de ensino por dependência administrativa.....	26
Gráfico 5.1 - Proporção de escolas municipais por região.....	53
Gráfico 5.2 - Existência e condições de uso da biblioteca por Grupo Socioeconômico.....	56
Gráfico 5.3 - Acervo diversificado conforme Grupo Socioeconômico.	59
Gráfico 5.4 - Espaços para estudos coletivos em biblioteca/sala de leitura conforme Grupo Socioeconômico.	62
Gráfico 5.5 - Os livros podem ser manuseados e emprestados conforme Grupo Socioeconômico.....	65
Gráfico 5.6 - Existência de responsável pelo atendimento na biblioteca ou sala de leitura das escolas conforme Grupo Socioeconômico.....	68
Gráfico 5.7 - Alunos levam livros para casa conforme Grupo Socioeconômico.....	71

LISTA DE TABELAS

Tabela 4.1 - Total de escolas por Grupo Socioeconômico e dependência administrativa.....	43
Tabela 5.1 - Unidades de ensino por dependência administrativa.....	52
Tabela 5.2 - Escolas municipais por nível socioeconômico distribuídas por região.	52
Tabela 5.3 - Correlação entre condições de uso da biblioteca e frequência de leitura de livro.....	56
Tabela 5.4 - Correlação entre condições de uso da biblioteca e frequência dos alunos na mesma.	57
Tabela 5.5 - Correlação entre presença de acervo diversificado e frequência com que os alunos leem livros.....	59
Tabela 5.6 - Correlação entre acervo diversificado e frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca.....	60
Tabela 5.7 - Correlação entre espaços para estudos coletivos e a frequência de leitura de livros.	63
Tabela 5.8 - Correlação entre espaço para estudos coletivos e frequência de uso da biblioteca.	63
Tabela 5.9 - Correlação entre manuseio/empréstimo de livros e frequência de leitura.	65
Tabela 5.10 - Correlação entre manuseio e empréstimo dos livros e frequência de ida a biblioteca.....	66
Tabela 5.11 - Correlação entre presença de um responsável na biblioteca/sala de leitura e frequência de leitura de livros.....	69
Tabela 5.12- Correlação entre presença de um responsável na biblioteca/sala de leitura e a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca.	69
Tabela 5.13 - Correlação entre levar os livros para casa e frequência dos alunos que leem livros.....	71
Tabela 5.14 - Correlação entre levar os livros para casa e frequência do costume de ir à biblioteca.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ideb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica	25
Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira	22
INL - Instituto Nacional do Livro	24
Inse - Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas.....	25
MEC - Ministério da Educação.....	36
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico	22
Pisa - Programme for International Student Assessment.....	22
PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola	24, 25
PNE - Plano Nacional de Educação	25
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático	24
PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura.....	24
Saeb - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.....	22
SPSS - Statistical Package for the Social Sciences	27
TRI - Teoria de Resposta ao Item	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1.	CONTEXTUALIZAÇÃO	22
1.2.	PROBLEMA DE PESQUISA	27
1.2.1.	<i>Enunciado</i>	27
1.2.2.	<i>Justificativa</i>	27
1.3.	OBJETIVOS	28
1.3.1.	<i>Objetivo Geral</i>	28
1.3.2.	<i>Objetivos Específicos</i>	28
1.4.	RELEVÂNCIA	28
1.5.	DELIMITAÇÃO	29
1.6.	ESTRUTURA DO TRABALHO	30
2	ESTADO DA ARTE	31
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	33
3.1.	LEITURA E BIBLIOTECA ESCOLAR	33
3.2.	INDICADOR DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO	35
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
4.1.	TIPO DE PESQUISA	40
4.2.	FONTE DOS DADOS	41
4.3.	PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS	46
4.3.1.	<i>Tamanho da amostra</i>	47
4.3.2.	<i>Técnicas de análise dos dados</i>	49
5	DESENVOLVIMENTO	51
5.1.	DESCRIÇÃO DOS DADOS	51
5.2.	GRUPO SOCIOECONÔMICO DAS ESCOLAS	54
5.2.1.	<i>Condições de uso da biblioteca escolar</i>	55
5.2.2.	<i>Acervo diversificado e atrativo</i>	58
5.2.3.	<i>Espaços para estudos coletivos</i>	61
5.2.4.	<i>Manuseio e empréstimo de livros</i>	64
5.2.5.	<i>Orientador ou responsável pelos espaços de leitura</i>	67
5.2.6.	<i>Alunos levam livros para casa</i>	70
6	RESULTADOS	74

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS.....	79

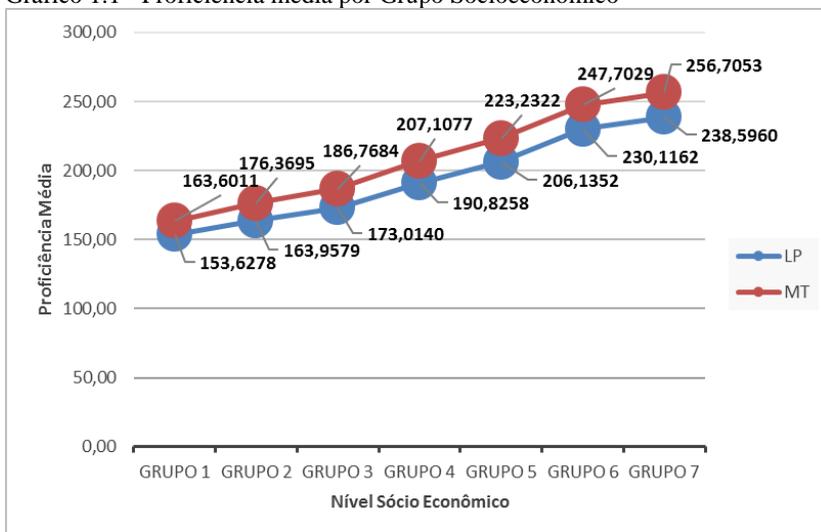
1 INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A busca pela elevação da qualidade educacional está levando a sociedade moderna a produzir uma grande quantidade de informações sobre os mais variados aspectos do processo ensino-aprendizagem, consolidando os sistemas de avaliação em larga escala para esse objetivo. No Brasil, a partir da década de 1980, foram iniciadas as primeiras avaliações em âmbito nacional de forma sistemática, e a partir de 1991, transformando-se no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), sendo atualmente o principal sistema de avaliação do país (BONAMINO; SOUSA, 2012). No cenário internacional, desde 2000, os países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), desenvolveram o *Programme for International Student Assessment* (Pisa), que avalia conhecimentos e habilidades de jovens de 15 anos de diversos países sobre conhecimentos básicos necessários à participação da vida em sociedade (CASTRO, 2001). Com base nos resultados do Saeb e do Pisa, a baixa proficiência em leitura dos alunos brasileiros foi evidenciada, tornando-se um tema central de debate e estudos.

Desde 2000, o Pisa mostra que o Brasil não teve avanços significativos na área da leitura, ficando entre as últimas posições do ranking de leitura (OCDE, 2015). Para compreender o que expressam essas avaliações, é importante considerar o peso significativo do contexto socioeconômico dos alunos na análise dos resultados. Conforme afirma Alves e Soares (2013), alunos de menor nível socioeconômico apresentam resultados piores. Isso pode ser verificado na proficiência média de Língua Portuguesa – LP e Matemática – MT, por meio dos resultados do Saeb 2013, como mostra o Gráfico 1.1, que apresenta a proficiência média dos alunos 5º ano do ensino fundamental, de acordo com os sete grupos socioeconômicos definidos pelo Inep.

Gráfico 1.1 - Proficiência média por Grupo Socioeconômico



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013.

É perceptivo o efeito do fator socioeconômico nos resultados aferidos pelas avaliações em larga escala como o Saeb. A questão que se coloca diante desse cenário é a eficiência das políticas públicas de oferta do ensino de qualidade e a promoção da igualdade, pois, pelo que os resultados mostram, não têm apresentado eficiência significativa. O problema da extrema desigualdade social existente, no Brasil, deve ser considerado sempre que for formulada políticas educacionais sem, contudo, jogar a carga do insucesso escolar naqueles que menos têm o poder de intervir no sistema, o aluno e a sua família.

Se, em lugar de responsabilizar estudantes e suas famílias pelo baixo rendimento nas provas aplicadas, esses dados fossem utilizados para avaliar o verdadeiro trabalho realizado nas escolas, as reais condições de produção dos conhecimentos e a coerência entre a oferta educacional e as habilidades e aptidões solicitadas nas provas, esses dados poderiam ser significativos para contribuir na elaboração de políticas de intervenção educativa concretas (BRASIL, 2008, p. 21).

A baixa proficiência em leitura de alunos matriculados nas escolas públicas das redes municipais é objeto de estudo desta pesquisa, pela seguinte motivação: a leitura é o principal meio de aquisição de conhecimento como instrumento para o desenvolvimento social, por conseguinte, os alunos pertencentes às classes socioeconômicas menos favorecidas têm, na maioria das vezes, apenas a escola pública como fonte de acesso a recursos como biblioteca e livros para desenvolver suas habilidades. Nesse processo, a escola, como espaço privilegiado de formação de leitores, surge como um campo de intervenção política (GAMBOA, 2013).

É importante destacar que o governo brasileiro tem implementado políticas públicas visando a fortalecer o desenvolvimento da leitura e dentre essas medidas está a distribuição de livros para as escolas, com predominância dos livros didáticos. A distribuição do livro didático iniciou-se em 1929, pelo Instituto Nacional do Livro (INL), que viria a se tornar mais tarde o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), cujo objetivo é dotar as escolas públicas do ensino fundamental e médio de livros didáticos e acervos literários (MANTOVANI, 2009). Em 1997, foi criado o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com finalidade de promover a universalização de acervos de obras literárias, de pesquisa e de referência para escolas públicas cadastradas no censo escolar realizado, anualmente pelo Inep (PAIVA; BERENBLUM, 2009). Ainda no campo das políticas públicas de fortalecimento da leitura em 2006, foi instituído o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), como via para a promoção do desenvolvimento social, por meio do incentivo a prática da leitura (AMORIM, 2009). E em decorrência da grande carência de bibliotecas escolares, foi estabelecida a Lei 12.244/10, que estipulou o prazo de 10 anos para a implantação das bibliotecas em todas as unidades de ensino do país (SILVA, 2011).

Portanto, quanto à questão dos insumos necessários para a prática da leitura nas escolas públicas, houve grandes avanços, mas ainda está longe do ideal. Como mostra alguns estudos, um dos graves problemas está no gerenciamento desses recursos, como a forma como as bibliotecas escolares são gerenciadas, muitas consideradas apenas como um “depósito de livros” (AMORIM, 2009; BRASIL, 2008; CAMPELLO et al., 2012). Cabe à escola pública fazer a diferença, e não apenas reproduzir as desigualdades já existentes, como está relatado em uma pesquisa do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

O fato de existirem recentemente acervos literários e obras de referência na cultura escolar não muda

por si só as práticas privadas e, de certa forma, autoritárias, ainda encontradas entre gestores e professores, que devem realizar, com liberdade e espírito público, um trabalho qualificado com os títulos literários, questionando pensamentos circulantes na cultura vigente de que “os alunos estragam os livros”, como se estes não merecessem o que lhes é destinado (BRASIL, 2008, p. 21).

O presente estudo busca verificar se há correlação entre o nível socioeconômico predominante na comunidade escolar e a forma como os recursos para o desenvolvimento da leitura são gerenciados pela escola para os alunos, pois, conforme afirma (GAMBOA, 2013), a forma como a escola define suas prioridades parece ser influenciada pelas características da comunidade, no caso da leitura, quanto mais as pessoas valorizam a leitura, espaços de incentivo ao hábito da leitura como a biblioteca tendem a ser priorizados, sendo que o inverso também ocorre.

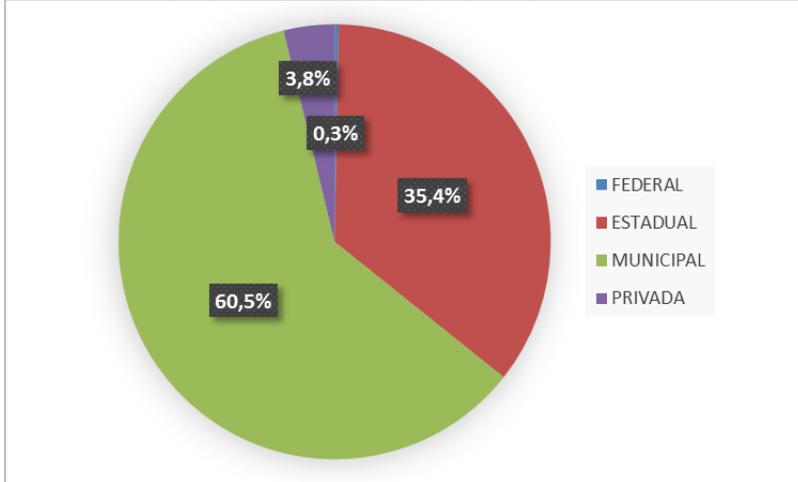
A partir da consolidação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), indicador que conjuga a proficiência dos alunos com a taxa de fluxo escolar, o Inep buscou ampliar o monitoramento da qualidade do ensino, desenvolvendo, para esse fim o Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (Inse), em atendimento a Lei nº 13.005/2014, do Plano Nacional de Educação (PNE), que determina a divulgação dos resultados do Saeb de forma contextualizada (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2014c) por meio do Inse, é possível compreender o contexto dos resultados educacionais, a partir da realidade do aluno.

O Inse objetiva contextualizar o desempenho das escolas nas avaliações e nos exames realizados pelo Inep, bem como o seu esforço na realização do trabalho educativo, ao caracterizar, de modo geral, o padrão de vida de seu público, relacionado à respectiva posição na hierarquia social (INEP, 2014c).

A relevância do uso desse indicador para esta pesquisa está na possibilidade de comparar a forma como são gerenciados os recursos de leitura disponíveis nas escolas, a partir do extrato socioeconômico predominante de seu público. Desse modo, no escopo deste, estão as escolas pertencentes as redes municipais, cuja responsabilidade do ensino

é majoritariamente a primeira etapa da educação básica, representando 60,5% das unidades de ensino do país, como mostra o Gráfico 1.2.

Gráfico 1.2 -Proporção de unidade de ensino por dependência administrativa



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013.

Em síntese, o resultado deste trabalho pretende reunir informações sobre o problema crônico da baixa proficiência em leitura, a partir dos dados das escolas municipais, apoiado no Inse. Segundo o Pisa, quando comparado com escala internacional, o Brasil tem um alto percentual de alunos nas camadas desfavorecidas, e estes estão entre os últimos em proficiência em leitura (OCDE, 2015).

Portanto, os objetivos aqui são descritivos, uma vez que se pretende utilizar dados padronizados provenientes dos microdados do Saeb 2013, para relatar certas características das gestões escolares associadas ao Inse (GIL, 2008). Desse modo, com o uso do método comparativo, será possível verificar a ocorrência ou não de homogeneidades dentro do escopo das escolas municipais quanto a forma como utilizam os recursos de leitura (GIL, 2008; LAKATOS; MARCONI, 2010). Como os dados utilizados são categóricos, originários dos questionários de contextualização do Saeb 2013, respondidos de forma censitária, utilizou-se o software estatístico denominado *Statistical Package for the Social Sciences* - pacote estatístico para as ciências sociais – SPSS, no processo de seleção de amostras e análises (FIELD, 2009).

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

1.2.1. Enunciado

Qual a correlação entre o nível socioeconômico e a gestão das bibliotecas e do acervo das escolas públicas municipais e a respectiva influência na prática de leitura de alunos do 5º ano do ensino fundamental?

1.2.2. Justificativa

O baixo nível de proficiência em leitura de estudantes brasileiros em avaliações nacionais e internacionais como o Saeb e o Pisa, têm motivado diversas pesquisas com o objetivo de identificar fatores associados a essa problemática. Vários autores argumentam ser significativo a influência do nível socioeconômico sobre as condições de aprendizagem dos estudantes (INEP, 2014a; RODRIGUES; RIOS-NETO; PINTO, 2011; SOARES; ANDRADE, 2006). Portanto, destaca-se, nesse aspecto, ser relevante a realização de novas pesquisas para compreender o grau de correlação do nível socioeconômico sobre o desenvolvimento da leitura, dentro do ambiente escolar.

Considerando a grande desigualdade socioeconômica brasileira, muitos estudantes têm dificuldade de acesso a bens culturais para o seu desenvolvimento social e intelectual, nesse sentido a escola pública têm a importante função de suprir tais necessidades. Deduz-se que a aquisição de acervos literários por parte de famílias de baixa renda não seja uma prioridade, sendo a escola pública muitas vezes a única fonte de acesso a livros e demais recursos para o desenvolvimento da leitura de alunos oriundos das camadas de menor nível socioeconômico.

Nesse sentido, torna-se pertinente este trabalho para investigar a correlação existente entre o Inse e a gestão dos recursos de leitura das escolas públicas municipais, tais quais: as condições de uso da biblioteca, a qualidade e a forma de utilização do acervo, a disponibilidade de profissionais para a orientação da leitura e os seus respectivos desdobramentos na prática de leitura dos alunos e a frequência com que costumam ir à biblioteca escolar.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Identificar a influência do nível socioeconômico das escolas, por meio do Inse, sobre a gestão dos recursos de leitura das escolas públicas municipais a partir dos dados extraídos dos questionários de contextualização do Saeb 2013, com foco na proficiência dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica.

1.3.2. Objetivos Específicos

- a) Verificar as condições de uso dos recursos de desenvolvimento da leitura dentro do ambiente escolar conforme o Inse;
- b) Analisar o desenvolvimento da prática de leitura dos alunos a partir das condições de recursos como biblioteca, espaço de estudos coletivos e acervo diversificado;
- c) Conhecer e manusear os microdados do Saeb referente aos testes de proficiência e questionários de contextualização dos resultados;
- d) Investigar as diferentes práticas de gestão a partir da influência de fatores extraescolares.

1.4. RELEVÂNCIA

Destaca-se que, para a análise mais completa das avaliações em larga escala, é necessário compreender o contexto em que esses resultados ocorrem, principalmente tendo como *background* as desigualdades regionais, sociais e econômicas. Pesquisas têm apresentado a influência do nível socioeconômica sobre diversos fatores associados ao processo ensino-aprendizagem (ALVES; SOARES, 2009; INEP, 2014a; RODRIGUES; RIOS-NETO; PINTO, 2011; SOARES; ANDRADE, 2006).

A utilização de informações do contexto socioeconômico já fazem parte da análise dos resultados de proficiência dos alunos em teste como o Pisa, desde 2000 (CARNOY et al., 2013). A principal importância desse tema é buscar conhecer e identificar as disparidades na forma como os recursos de leitura são oferecidos com base no nível socioeconômico predominantes da escola, compreendendo que os alunos provenientes das camadas sociais menos favorecidas economicamente já são penalizados

pela escassez de acesso a bens culturais dentro do ambiente familiar que o auxilie em seu desenvolvimento intelectual, portanto, se faz necessário verificar se as escolas públicas, oferecem suporte para que essas dificuldades sejam superadas no processo educacional, ou se estão apenas reproduzindo a desigualdade social. Para que isso ocorra, o primeiro passo é ter a informação concreta de que a influência do nível socioeconômico do aluno também pode influenciar a gestão escolar e a forma como a mesma disponibiliza os recursos de incentivo à prática da leitura (GAMBOA, 2013).

Portanto, a partir dos resultados desta pesquisa, espera-se aumentar o entendimento dos fatores que impactam os resultados de proficiência das escolas públicas, com foco na relação entre o nível socioeconômico e a forma como os recursos de desenvolvimento da leitura são disponibilizados para os alunos. Assim, pretende-se colaborar para amenizar os efeitos da desigualdade social, por meio da educação, e da conscientização de que as unidades de ensino, principalmente aquelas responsáveis pela primeira etapa da educação básica, cuja dependência administrativa é dos municípios, possam gerenciar de forma equitativa recursos como biblioteca escolar e o acervo, buscando atenuar as lacunas educacionais correlacionadas ao nível socioeconômico.

Em resumo, acredita-se que a análise desenvolvida por este estudo incentivará as unidades de ensino a repensarem a forma como estão promovendo o desenvolvimento das habilidades de leitura, a partir dos recursos disponíveis no ambiente escolar, segundo o nível socioeconômico dos alunos.

1.5. DELIMITAÇÃO

Com a pretensão de identificar e compreender determinados fatores associados à proficiência em leitura, e considerando que é na primeira etapa da educação básica que os fundamentos para a aquisição das habilidades textuais são desenvolvidos, esta pesquisa limita-se a utilizar os microdados do Inep, disponíveis no sítio do referido órgão governamental, referentes à aplicação do Saeb 2013. Sendo assim, as análises realizadas por esta pesquisa limitam-se ao uso do Inse das escolas municipais, e as respostas dos questionários de contextualização do Saeb 2013, com foco nos alunos do 5º ano do ensino fundamental.

1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

A organização deste trabalho está segmentada em seis capítulos, sendo o capítulo 1 a parte da introdução, onde se encontra contextualizado o tema e é apresentado o problema de pesquisa, a justificativa seguida dos objetivos, relevância e delimitações; o capítulo 2 é composto pelo estado da arte; no capítulo 3, está a fundamentação teórica que discorre sobre o desenvolvimento da leitura, a biblioteca escolar e os indicadores de nível socioeconômico; no capítulo 4, encontram-se os procedimentos metodológicos, composto por três subdivisões que indicam o tipo de pesquisa, a fonte de dados e os procedimentos adotados para as análises; em seguida, no capítulo 5, está descrito o desenvolvimento do trabalho, contendo as análises dos dados, a partir do Grupo Socioeconômico das escolas e as formas de gestão dos recursos de leitura com a conseqüente influência na prática da leitura de livros e de frequência de ida à biblioteca de aluno do 5º ano do ensino fundamental, utilizando, para isso, as respostas de dois questionários do Saeb 2013: o questionário da escola e o questionário do aluno; no capítulo 6, é feita uma exposição decorrente da análise dos dados, com base na correlação entre o nível socioeconômico, a gestão dos recursos de leitura e práticas de leitura de livros e frequência de ida à biblioteca escolar; por último, estão as considerações finais que compõem o capítulo 7, conjuntamente com a indicação de outras pesquisas.

2 ESTADO DA ARTE

A importância do nível socioeconômico (NSE) para explicar diversos fenômenos sociais tem sido objeto de muitos estudos. No campo da educação, esse tema passou a ganhar destaque a partir da década de 1960, com o *Relatório Coleman*, que ficou conhecido por investigar as oportunidades educacionais, levando em consideração os fatores extraescolares, mostrando que o fracasso do ensino atingia regularmente as crianças mais pobres, partindo da hipótese de que as diferenças entre a infraestrutura e os recursos pedagógicos das escolas estavam associados às características dos alunos, sendo a primeira comprovação do paradigma da reprodução social (BRANDÃO, 2008; INEP, 2014a; KOSLINSKI; ALVES, 2012).

Em um trabalho de Rodrigues, Rios-Neto e Pinto (2011), afirmam que “o nível socioeconômico do aluno é o fator mais associado ao desempenho escolar”. Segundo esses autores, pais com menor capital econômico e cultural tendem a incentivar e a valorizar menos o estudo dos filhos, o que explicaria parte dessa associação.

Alves e Soares (2008), ao pesquisarem o efeito de sete escolas de Belo Horizonte sobre o aprendizado dos alunos, também identificaram a forte associação do desempenho escolar ao fator socioeconômico.

Embora o nível socioeconômico apareça em vários estudos que buscam explicar os fatores externos que exercem influência sobre as escolas, a metodologia para medi-lo não é consensual entre os pesquisadores, não havendo na literatura uma definição exclusiva nem o entendimento sobre quais seriam as dimensões utilizadas para a definição desse constructo (ALVES; SOARES, 2009; ALVES; SOARES; XAVIER, 2014).

Utilizando os dados do Saeb das edições de 1997 a 2005, Rodrigues, Rios-Neto e Pinto (2011) realizaram um estudo, utilizando o método de decomposição confractural para identificar se as mudanças nas condições socioeconômicas influenciaram mudanças na média e na distribuição do desempenho escolar. Na análise do efeito das características individuais e familiares, identificaram elevada significância do efeito do nível socioeconômico para a redução das médias, ao longo do tempo (RODRIGUES; RIOS-NETO; PINTO, 2011).

Para a construção de um indicador de nível socioeconômico, Alves e Soares (2009) afirmam que se trata de um construto latente, que não pode ser medido diretamente, senão, pelo nível de escolaridade, ocupação e renda dos membros da família. A partir de dados da Pesquisa Geração Escolar 2005, realizada em escolas de Belo Horizonte, Alves e

Soares (2009) propuseram uma medida de nível socioeconômico (NSE), utilizando a Teoria de Resposta ao Item (TRI) para expressar as variações entre as famílias.

Segundo Alves, Soares e Xavier (2014), a construção do índice de NSE contribuiu para uma demanda crescente, afirmando que “O contexto socioeconômico das escolas é o fator mais importante para a análise dos resultados educacionais”.

A partir de 2014, o Inep passou a contextualizar os resultados das avaliações da educação básica, criando a partir das informações do nível socioeconômico dos alunos, o Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (Inse), calculado através da média dos alunos com dados da Prova Brasil, da Aneb e do ENEM das edições de 2011 e 2013, abrangendo informações do questionário de contextualização de 10.970.993 alunos distribuídos em 73.577 escolas, englobando unidades de ensino público e privado (INEP, 2014a).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo faz uma breve exposição sobre três pontos básicos deste trabalho: o desenvolvimento da leitura, a biblioteca escolar e o indicador de nível socioeconômico. Esta parte do trabalho pretende apresentar conceitos e informações que serão úteis para facilitar a compreensão das análises e os respectivos resultados e conclusões.

3.1. LEITURA E BIBLIOTECA ESCOLAR

Avaliações nacionais e internacionais em larga escala têm exposto dados preocupantes quanto à habilidade dos estudantes brasileiros no domínio da leitura. Neste capítulo, será apresentado brevemente a questão da leitura para o desenvolvimento do aluno sobre a ótica dos resultados das avaliações educacionais em larga escala.

Não é possível o aluno alcançar o sucesso educacional sem o domínio da habilidade em leitura. A leitura é a base necessária para a escalada exitosa no sistema educacional de qualquer sociedade moderna. Por esse fato, as instituições de ensino devem dar a necessária atenção ao desenvolvimento das habilidades de compreensão textual, caso contrário, as consequências serão refletidas na dificuldade de aprendizagem dos conteúdos e o conseqüente baixo desempenho escolar (OLIVEIRA; BORUCHOVITCH; SANTOS, 2007).

As informações adquiridas na leitura auxiliam no processo de construção da personalidade do indivíduo, propiciando, muitas vezes, a vivência de experiências que não seria possível de outra forma. Por conseguinte, a interação do leitor com o texto auxilia na construção dos sentidos, a partir da própria realidade de quem ler e das experiências vividas (PAIVA; BERENBLUM, 2009). Ferreira e Dias (2002), afirmam que a leitura é uma atividade capaz de levar o indivíduo a rever suas relações com o meio, possibilitando também uma transformação coletiva, no entanto, é no projeto político pedagógico da escola e na consciência social da importância da leitura que essas mudanças são impulsionadas.

Os recursos de incentivo e desenvolvimento da leitura dos alunos estão, muitas vezes, restritos ao ambiente escolar, e, por esse motivo, esse ambiente merece atenção, pois, muitas vezes, apresenta-se deficitário, a citar a insatisfatória diversidade de livros e a falta de condições mínimas do uso da biblioteca escolar que deixam a desejar em muitas escolas públicas, sobretudo naquelas localizadas em áreas periféricas. É imprescindível que as instituições de ensino adotem programas especificamente destinados ao aprimoramento e à motivação para o

desenvolvimento da leitura, não só em sala de aula, mas também como forma de lazer (OLIVEIRA et al., 2008). Conforme afirma Gamboa (2013), a construção de uma sociedade leitora, por meio da escola é configurada a partir de medidas políticas de leitura, dos seus textos, dos seus discursos e dos ideais e valores que neles perpassam. Mas isso não vem ocorrendo nas escolas brasileiras, conforme afirma Ferreira e Dias (2002, p. 48):

Outro aspecto relacionado ao problema do ensino da leitura na escola, diz respeito à inexistência ou falta de funcionalidade de bibliotecas escolares. Quando estas existem, ou o acervo é pobre e insuficiente e/ou o horário de funcionamento é irregular e assistemático, dificultando o acesso de professores e alunos ao material impresso e ao espaço que deveria ser de estudo e pesquisa.

Ainda que a questão da funcionalidade débil das bibliotecas escolares e o acervo pobre sejam evidências da precária política de leitura, há outra problemática que não pode ser ocultada dessa discussão, como relatou a pesquisa Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca na Escola (2008, p. 20), ao afirmar que “não é a distribuição de acervos que muda as práticas dos professores quanto ao uso dos livros de literatura nas atividades pedagógicas, nem muda nos sujeitos a compreensão do que leem, melhorando sua apropriação”. É possível verificar que o autoritarismo em muitas unidades de ensino faz parte do cotidiano escolar, sem dar espaço à liberdade, à criatividade e ao prazer da leitura como objetivo em si mesmo, aspectos primordiais para a formação de leitores plenos, como propõem Ferreira e Dias (2002, p. 48):

Não é a instrução direta e mecânica por si só que garante o aprendizado da leitura e o uso eficaz de estratégias de compreensão leitora, mas o envolvimento cognitivo e afetivo do aprendiz com a tarefa. O leitor-aprendiz precisa engajar-se significativamente no processo de sua aprendizagem e o adulto leitor maduro (pais ou professores) tem a função de facilitar e promover este tipo de relação entre aprendiz (criança ou adulto) e a construção do saber exigido pela leitura. (FERREIRA; DIAS, 2002)

Além do que foi citado, acrescenta-se a importância do contexto extraescolar como um dos fatores igualmente relevante na análise dos resultados das avaliações em larga escala sobre proficiência em leitura. Quando se reflete sobre o desempenho escolar, é necessário levar em conta os diferentes fatores que se correlacionam e influenciam diretamente tal desempenho, dentre estes, está o nível socioeconômico da família do aluno (OLIVEIRA et al., 2008). Em vista disso, não é possível elaborar políticas educacionais exitosas sem desenvolver estratégias de superação da extrema desigualdade social do país.

3.2. INDICADOR DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO

Com o objetivo de identificar alguns dos múltiplos fatores que exercem influência sobre os resultados educacionais, pesquisas estão sendo realizadas para além dos limites da escola. A condição socioeconômica do aluno tem sido tema de diversos trabalhos acadêmicos e a relação com os resultados dos testes de proficiência são nítidos, levando o Inep a desenvolver metodologias para compreender o contexto escolar em que esses resultados ocorrem. Considerando a importância desse tema, esta seção irá expor os principais aspectos sobre o Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) desenvolvido pelo Inep/MEC, presentes nos microdados do Saeb 2013, que classifica, pela primeira vez, as unidades de ensino em sete grupos socioeconômicos, com base nos questionários de contextualização do Saeb.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb, é utilizado para monitorar a qualidade da educação, desde as escolas até as redes de ensino e unidades da federação (FERNANDES; GREMAUD, 2009). No entanto, como afirmam Alves e Soares (2013) apenas os resultados do Ideb de forma isolada, não oferecem condições para compreender o conjunto da realidade educacional, pois têm como foco apenas os resultados finalísticos, sendo necessário também compreender o contexto em que esses resultados são obtidos, a partir do perfil do aluno e das características da escola.

Introduzido pelo Art. 3º do Decreto Nº 6.094, 24 de abril de 2007, como política pública por meio do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, o Ideb tornou-se o principal indicador de qualidade da educação brasileira, calculado pelo Inep a cada dois anos com base no desempenho de alunos em avaliações externas em larga escala e dados do fluxo escolar obtidos pelo Censo Escolar (ALVES; SOARES, 2013). No entanto, a necessidade de compreender o contexto no qual o indicador de

qualidade Ideb é obtido, exigiu a construção de um indicador consistente da realidade da comunidade escolar (INEP, 2014a).

Estudos dos impactos dos fatores escolares e extraescolares sobre os resultados dos alunos não são recentes. Entre as décadas de 60 e 70 pesquisas realizadas em países desenvolvidos já se dedicavam a verificar o efeito da escola com destaque para os resultados do Relatório Coleman que demonstrou que grande parte das desigualdades é de origem familiar e do contexto social das unidades de ensino, como ocorrem as desigualdades educacionais vinculadas aos estratos sociais e regionais (ALVES; SOARES, 2008). Para melhor dimensionar o efeito extraescolar sobre os resultados dos alunos, pesquisadores desenvolveram uma variável latente, a partir de um conjunto de informações como nível de escolaridade, rendimento, ocupação e patrimônio, tendo a educação um peso maior, definindo, assim, o NSE (ALVES; SOARES, 2009).

Os alunos são classificados em sete níveis socioeconômicos a partir das respostas do questionário de contextualização. Essa classificação serve de base para o enquadramento das escolas também em sete grupos distintos. O Quadro 3.1 apresenta a descrição dos critérios de classificação dos alunos em níveis que variam de I a VII. Na sequência é apresentada a forma de classificação das escolas conforme o Inse.

Quadro 3.1 - Nível socioeconômico conforme descrição

Nível	Descrição
Nível I - Até 30	Este é o menor nível da escala e os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, uma geladeira, um telefone celular, até dois quartos no domicílio e um banheiro; não contratam empregada mensalista e nem diarista; a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo; e seus pais ou responsáveis possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível.
Nível II - (30;40]	Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos e um banheiro; bem complementar, como videocassete ou DVD; não contratam empregada mensalista e nem diarista; a renda familiar mensal é de até 1 salário mínimo; e seus pais ou responsáveis

	possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino.
Nível III - (40;50]	Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como uma televisão em cores, um rádio, uma geladeira, um telefone celular, dois quartos e um banheiro; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à internet; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1 e 1,5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino.
Nível IV - (50;60]	Já, neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa bens elementares, como um rádio, uma geladeira, dois telefones celulares, até dois quartos e um banheiro e, agora, duas ou mais televisões em cores; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e possuem acesso à internet; bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos e um carro; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal está entre 1,5 e 5 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) possuem ensino fundamental completo ou estão cursando esse nível de ensino.
Nível V (60;70]	Neste, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo maior de bens elementares como três quartos e dois banheiros; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; bens suplementares, como freezer, um ou mais telefones fixos, um carro, além de uma TV por assinatura e um aspirador de pó; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar mensal é maior, pois está entre 5 e 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram o ensino médio.
Nível VI (70;80]	Neste nível, os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo alto de bens elementares como três quartos e três banheiros; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; bens

	suplementares, como freezer, telefones fixos, uma TV por assinatura, um aspirador de pó e, agora, dois carros; não contratam empregada mensalista ou diarista; a renda familiar está acima de 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e/ou podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação.
Nível VII - Acima de 80	Este é o maior nível da escala e os alunos, de modo geral, indicaram que há em sua casa um quantitativo alto de bens elementares, como duas ou mais geladeiras e três ou mais televisões em cores, por exemplo; bens complementares, como videocassete ou DVD, máquina de lavar roupas, computador e acesso à internet; maior quantidade de bens suplementares, tal como três ou mais carros e TV por assinatura; contratam, também, empregada mensalista ou diarista até duas vezes por semana; a renda familiar mensal é alta, pois está acima de 7 salários mínimos; e seu pai e sua mãe (ou responsáveis) completaram a faculdade e/ou podem ter concluído ou não um curso de pós-graduação.

Fonte: Inep (2014a)

Ao responder o questionário de contextualização do Saeb, os alunos fornecem informações que serão utilizadas para a classificação dos mesmos em um dos setes níveis socioeconômicos definidos pelo Inep, conforme a descrição do quadro acima. São considerados, nessa classificação, a presença ou ausência e o quantitativo de bens elementares de uso doméstico como geladeira e fogão; o total de bens complementares como computador, máquina de lavar louça e o acesso à internet; e ainda os bens suplementares como o número de carros e TV's por assinatura e se a família contrata empregadas doméstica, conjugado com a informação de renda familiar mensal e o nível de escolaridade dos pais. Dessa forma, o nível socioeconômico é considerado um constructo latente por sintetizar todas essas informações de maneira unidimensional (INEP, 2014c).

É na escola que ocorrem os principais processos educacionais, por esse motivo, é relevante compreender os fatores que influenciam as gestões, como o nível socioeconômico. Como afirma o Inep (2014b) em nota técnica, há escolas que apresentam um desempenho acima da média para o seu nível socioeconômico, com outras, no entanto, ocorre o inverso. Contudo, estabelecer o nível socioeconômico da escola é importante para a análise entre o que é esperado e os resultados reais.

Para a definição do Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) das escolas, foi utilizada a média aritmética simples do nível socioeconômico dos respectivos alunos, extraída dos questionários de contextualização do Saeb, conforme demonstrado no Quadro 3.2, elaborado a partir dos dados de 2013. As escolas são classificadas em sete grupos de Inse, sendo o Grupo 1 o das escolas com Inse médio mais baixo e o Grupo 7, portanto, o mais alto (INEP, 2014c). O Quadro 3.2, apresenta a classificação das escolas em 7 Grupos de Inse com base no Inse médio dos alunos.

Quadro 3.2 - Forma de classificação das escolas em grupos socioeconômicos com base no Inse médio dos alunos.

Grupos de Escolas	Inse dos Alunos							Total
	Nível I	Nível II	Nível III	Nível IV	Nível V	Nível VI	Nível VII	
Grupo 1	26,5%	51,7%	18,6%	2,7%	0,4%	0,0%	0,0%	100%
Grupo 2	10,3%	48,0%	33,3%	7,1%	1,2%	0,1%	0,0%	100%
Grupo 3	3,5%	31,2%	45,7%	16,2%	3,1%	0,3%	0,0%	100%
Grupo 4	0,6%	11,2%	44,4%	34,8%	8,2%	0,8%	0,0%	100%
Grupo 5	0,1%	2,9%	26,3%	49,2%	19,4%	2,0%	0,0%	100%
Grupo 6	0,0%	0,5%	8,0%	40,8%	41,8%	8,4%	0,4%	100%
Grupo 7	0,0%	0,1%	1,4%	12,6%	43,6%	36,2%	6,2%	100%

Fonte: Inep 2014

Segundo o Inep (2014b), o Inse médio das escolas e municípios consegue expressar bem as condições socioeconômicas destes, por estarem altamente correlacionadas com outras medidas que também verificam essas dimensões. A expectativa é de que o Inep, a partir dessa primeira versão do Inse, continue aprimorando a metodologia aplicada a esse indicador pela necessidade de contextualizar os resultados das avaliações externas, identificando as desigualdades sociais como um fator condicionante do processo ensino-aprendizagem.

Considerando todas as informações deste capítulo, verificou-se que o Inse é um importante indicador, capaz de ajudar na compreensão sobre a forma como os recursos de leitura são disponibilizados pelas escolas públicas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por finalidade apresentar a fonte de dados, o tipo de pesquisa e a forma da seleção das amostras, assim como o conjunto de técnicas utilizadas que possibilitou a análise.

4.1. TIPO DE PESQUISA

Diante da necessidade de aumentar o conhecimento sobre os fatores que influenciam os resultados educacionais para o aprimoramento da gestão do ensino, torna-se necessária a utilização da grande quantidade de informações coletadas e disponibilizadas atualmente por instituições governamentais como fonte de estudo para múltiplas análises da realidade das escolas públicas brasileiras. Dessa forma, esta pesquisa utilizou dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, com a finalidade de conhecer a relação entre nível socioeconômico e a gestão dos recursos de leitura das escolas públicas municipais, caracterizando-se como uma pesquisa básica com objetivos descritivos. Conforme Gil (2002), esse tipo de pesquisa utiliza dados coletados por meio de técnicas padronizadas como questionários e observações sistemáticas com o objetivo de relatar determinadas características de uma população ou fenômeno através da relação entre variáveis.

No cotidiano escolar, as tomadas de decisões sofrem influências diversas, principalmente pela pressão de determinados grupos sociais, portanto, a verificação das homogeneidades e particularidades dentro de cada grupo humano, contribuem para a melhor compreensão de seu comportamento, dessa forma, o método comparativo se mostra mais adequado como técnica de investigação das gestões das escolas públicas, conforme o Inse. Segundo Lakatos e Marconi (2010), o método comparativo possibilita deduzir a partir da análise dos dados os elementos contínuos, imateriais e gerais no processo de entendimento dos fenômenos em estudos quantitativos como taxa de escolarização de países em desenvolvimento, além de outras aplicações. Para Gil (2008) “o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles.

Na parte conclusiva do presente trabalho, é feita a análise quantitativa dos dados provenientes dos questionários de contextualização do Saeb 2013, e para a verificação da relação causal entre as variáveis em estudo, foi utilizado *Statistical Package for Social*

Science for Windows - SPSS®, versão 23.0, software com várias opções de análise e testes estatísticos (FIELD, 2009), “aplicáveis a qualquer dimensão da amostra ou a qualquer probabilidade, permitindo o cálculo dos níveis de significância” dentre outros usos (PESTANA; GAGEIRO, 2014).

4.2. FONTE DOS DADOS

Este estudo utilizou dados secundários do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) que instituiu em 1990, o Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb, com o objetivo de diagnosticar a situação da educação básica, passando a produzir informações para subsidiar as políticas públicas de melhoria da qualidade do ensino no âmbito federal, estadual e municipal (INEP, 2014b).

O Saeb tem, em sua composição, três tipos de avaliações externas de cobertura nacional, são elas: a Avaliação Nacional da Educação Básica – Aneb; Avaliação Nacional do Rendimento Escolar – Anresc, também conhecida como Prova Brasil; e a Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA (INEP, 2014b). Cada avaliação tem objetivos e procedimentos próprios normatizados por portarias do próprio Inep.

Figura 4.1 - Composição do Saeb.



Fonte: Portal do Inep

A Aneb ocorre a cada dois anos e abrange escolas das redes públicas e privadas de forma amostral em áreas urbanas e rurais avaliando alunos do 5º e 9º anos do ensino fundamental, e 3ª série do ensino médio, com o objetivo de verificar a qualidade, a equidade e a eficiência da

educação básica. Seus resultados são representativos por redes de ensino, dependência administrativa, localização e informações sobre o contexto escolar (INEP, 2014c). Já, a Prova Brasil ou Anresc ocorre nas escolas públicas que possuem turmas de, no mínimo, 20 alunos de 5º e/ou 9º anos do ensino fundamental, sendo também bianual e de caráter censitário, apresentando indicadores de contextualização dos resultados das condições extra e interescolar (INEP, 2014c).

As informações utilizadas para a análise desta pesquisa são provenientes dos microdados da edição de 2013 do Saeb, em específico os resultados da Anresc/Prova Brasil, que é composta por testes de desempenho dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática, em conjunto com questionários de contextualização respondido por alunos, professores, diretores e pelo aplicador sobre as condições da escola (INEP, 2014d). Quanto à forma como são preenchidos os questionários de contextualização, os alunos respondem questões do ambiente escolar e outros itens que servem de base para definir Inse, além de hábitos de leitura e aspectos que fazem parte do percurso do processo ensino--aprendizagem (INEP, 2014d). Para responder aos objetivos desta pesquisa, utilizaram-se as referidas respostas para verificar se há vínculos entre o Inse das escolas e a forma como gerenciam os recursos de leitura, com foco nas condições de uso da biblioteca escolar e do acervo de livros, e os possíveis impactos nas respostas dos alunos quanto à frequência de leitura e uso da biblioteca/sala de leitura.

No Quadro 4.1 apresenta-se as questões selecionadas do questionário de contextualização da escola, em seguida os grupos socioeconômicos estabelecidos pelo Inep e, após, os itens selecionados do questionário do aluno.

Quadro 4.1 - Questões selecionadas do Questionário da Escola.

Indique a existência e as condições de uso dos seguintes espaços da escola:				
	Bom	Regular	Ruim	Inexistente
57. Biblioteca	A	B	C	D
Em relação à biblioteca ou sala de leitura:				
	Sim	Não	Não há biblioteca/sala de leitura	
65. Possui acervo diversificado que desperte o interesse dos alunos	A	B	C	
67. Possui espaço para estudos coletivos	A	B	C	

68. Os livros podem ser manuseados ou emprestados	A	B	C
71. Existe uma pessoa responsável pelo atendimento na biblioteca ou na sala de leitura	A	B	C
Os seguintes usuários da biblioteca (ou sala de leitura) levam livros para casa:			
72. Os alunos:	A	Sim	
	B	Não, porque não querem	
	C	Não, porque a escola não permite	
	D	Não há biblioteca/sala de leitura	

Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos questionários do Saeb 2013.

Dos 74 itens que compõem o questionário da escola, apenas as seis questões do Quadro 4.1, foram analisadas, isso porque estão diretamente ligadas às condições de desenvolvimento da leitura. A questão de número 58, que pede para indicar a existência e as condições de uso da sala de leitura, não foi incluída por confundir-se, muitas vezes, com o espaço da biblioteca, pois, na maioria das escolas públicas municipais, a sala de leitura e a biblioteca ocupam o mesmo espaço.

Pela primeira vez os resultados da Prova Brasil são apresentados com o indicador contextual de nível socioeconômico, para facilitar a compreensão dos resultados de proficiência dos alunos. O Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) posiciona a clientela de cada escola em um determinado grupo, a partir de critérios baseados na posse de bens, escolaridade dos pais e despesas com serviços pagos pela família do aluno (INEP, 2014c). As escolas foram classificadas em sete grupos, de modo que, no Grupo 1, estão as escolas com nível socioeconômico mais baixo e, no Grupo 7, as com nível socioeconômico mais alto (INEP, 2014c). Na Tabela 4.1, mostra-se o total de escolas que fizeram parte da base de dados do Saeb 2013, distribuídas em grupos socioeconômicos, conforme a dependência administrativa federal, estadual, municipal e privada.

Tabela 4.1 - Total de escolas por Grupo Socioeconômico e dependência administrativa.

Nível Socioeconômico	DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA					Total
	Federal	Estadual	Municipal	Privada		

Grupo 7	4	3	1	10	18
(%)	(2,0%)	(0,0)	(0,0)	(0,4)	(0,0)
Grupo 6	33	685	813	204	1735
(%)	(16,8)	(3,3)	(2,3)	(9,1)	(2,9)
Grupo 5	4	7230	8749	33	16016
(%)	(2,0)	(34,5)	(24,4)	(1,5)	(27,0)
Grupo 4	0	7735	9906	2	17643
(%)	(0,0)	(36,9)	(27,7)	(0,1)	(29,8)
Grupo 3	1	3447	8628	1	12077
(%)	(0,5)	(16,4)	(24,1)	(0,0)	(20,4)
Grupo 2	0	856	5070	0	5926
(%)	(0,0)	(4,1)	(14,2)	(0,0)	(10,0)
Grupo 1	0	125	1918	0	2043
(%)	(0,0)	(0,6)	(5,4)	(0,0)	(3,4)
Indefinido	155	905	739	1994	3793
(%)	(78,7)	(4,3)	(2,1)	(88,9)	(6,4)
Total	197	20986	35824	2244	59251
	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Os dados revelam os setes grupos socioeconômicos definidos pelo Inep por dependência administrativa, e ainda as escolas sem definição, predominante as da dependência administrativa federal com total de 78,7%, e privadas com maior porcentagem, chegando a 88,9% sem Inse definido. O menor percentual de indefinição de Inse foi das escolas municipais, com apenas 2,1% do total dos casos. Como o foco da presente pesquisa são as escolas municipais, o levantamento de informações teve como base as 35.824 unidades de ensino cuja dependência administrativa são os municípios. Posteriormente, em decorrência de apenas 01 escola fazer parte de Inse do Grupo 7, optou-se por trabalhar com os Grupos de 1 a 6 excluindo-se, portanto, as escolas sem definição e o Grupo 7.

A medida de nível socioeconômico do aluno é expressa em uma escala contínua, com média igual a 50 e desvio padrão igual a 10. Para melhor descrever os níveis socioeconômicos e facilitar a compreensão dos resultados, utilizou-se a metodologia proposta por Huynh para caracterizar os sete níveis ordinais, a partir do posicionamento das alternativas de cada questão em tais níveis. (INEP, 2014b, p. 2).

Para verificar se uma possível influência do Inse na gestão da biblioteca e do acervo da escola também impacta na prática de leitura e do aumento da frequência do costume dos alunos de irem à biblioteca, utilizaram-se as respostas de duas perguntas de múltipla escolha dentre as 51 questões que compõem o questionário do aluno. O questionário do aluno, juntamente com os resultados dos testes de proficiência, fazem parte da mesma base de dados que, na edição do Saeb 2013, foram apresentados por série: 4ª série/5º ano do EF; 8ª série/9º ano do EF; e 3ª série do EM (INEP, 2014d). No Quadro 4.2, apresentam-se as perguntas respondidas pelos alunos do 5º ano ensino fundamental, e suas respectivas opções de resposta, que fazem parte das variáveis analisadas.

Quadro 4.2 - Questões selecionadas do questionário do aluno.

Com qual frequência você lê:	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
33. Livros	A	B	C
Com qual frequência você costuma ir à/ao:	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca
37. Biblioteca	A	B	C

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Para facilitar a identificação das questões de ambos os questionários, no Quadro 4.3 é apresentado um código para a identificação de cada uma das variáveis estudadas, junto com o enunciado da questão correspondente, conforme o questionário da escola e o questionário do aluno.

Quadro 4.3 - Questões do questionário da escola e do questionário do aluno utilizadas na pesquisa.

QUESTIONÁRIO DA ESCOLA/Saeb 2013		
Questão	Enunciado	Código
57	Indique a existência e as condições de uso dos seguintes espaços da escola: Biblioteca.	ESCOLA_Q057
65	Em relação à biblioteca ou sala de leitura: Possui acervo diversificado que desperte o interesse dos alunos.	ESCOLA_Q065

67	Em relação à biblioteca ou sala de leitura: Possui espaço para estudos coletivos.	ESCOLA_Q067
68	Em relação à biblioteca ou sala de leitura: Os livros podem ser manuseados e emprestados.	ESCOLA_Q068
71	Em relação à biblioteca ou sala de leitura: Existe uma pessoa responsável pelo atendimento na biblioteca ou na sala de leitura.	ESCOLA_Q071
72	Os seguintes usuários da biblioteca (ou sala de leitura) levam livros para casa: Os alunos:	ESCOLA_Q072
QUESTIONÁRIO DO ALUNO DO 5ºEF/Saeb 2013		
Questão	Enunciado	Código
33	Com qual frequência você lê: Livros.	ALUNO_Q033
37	Com qual frequência você costuma ir à/ao: Biblioteca.	ALUNO_Q037

Fonte: Elaborado pelo próprio autor com base nos questionários do Saeb 2013.

Resumidamente, o conjunto de dados utilizados por este trabalho é proveniente do Saeb 2013, composto da seguinte forma: sete itens selecionados do questionário da escola (ESCOLA_Q057, ESCOLA_Q065, ESCOLA_Q067, ESCOLA_Q068, ESCOLA_Q071 e ESCOLA_Q072), e dois itens do questionário do aluno (ALUNO_Q033, ALUNO_Q037). Para a análise exploratória, utiliza-se a tabela de referência cruzada, comparando as respostas dos itens do questionário da escola com os grupos de Inse definidos pelo Inep e, na sequência, a análise é feita com os itens selecionados do questionário do aluno.

Após a definição dos dados conforme os objetivos da pesquisa, foram realizados procedimentos estatísticos necessários baseados nas técnicas descritas, a seguir.

4.3. PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DOS DADOS

Em decorrência da grande quantidade de informações do Saeb 2013, que tem caráter censitário, abrangendo mais de 59 mil escolas e um número superior a 5,3 milhões de alunos, e ainda pela necessidade do cruzamento entre variáveis de bases de dados diferentes, principalmente

sobre as condições do uso da biblioteca escolar e do acervo de livros e a relação dessas variáveis com hábitos de leitura e frequência dos alunos de ir à biblioteca, foi feita a opção pelo uso da técnica da amostragem, descritas a seguir.

4.3.1. Tamanho da amostra

Segundo Barbetta (2012), para conhecer determinadas características de uma população, é possível utilizar uma amostra de seus elementos e obter valores próximos dos parâmetros da população em estudo, desde que a seleção desses elementos seja feita utilizando metodologias adequadas, ou seja, o processo de amostragem deve ser suficientemente informativo do conjunto populacional pesquisado.

O primeiro passo para determinar o tamanho da amostra dos dados foi selecionar a população de interesse, nesta pesquisa foram as escolas municipais da base de dados do Saeb 2013. Para a realização das análises, foi necessário verificar o total de escolas que preencheram o questionário de contextualização e, na sequência, proceder o processo de amostragem, assim sendo, das 35.824 escolas municipais da base de dados, 97% haviam preenchido o formulário de perguntas, portanto, as amostras foram retiradas de 34.760 unidades de ensino.

Para utilizar a equação da quantidade de amostras necessárias, antes foi preciso especificar o erro amostral tolerável que, segundo Barbetta (2012), é o quanto o pesquisador admite errar na avaliação dos parâmetros objeto de estudo. Assim, ficou estabelecido, na presente pesquisa, o intervalo de confiança de 95%, com margem de erro de $\pm 5\%$ de probabilidade. Uma vez definido o intervalo de confiança, a retirada das amostras seguiu os critérios propostos por Barbetta (2012), descritos, a seguir.

O cálculo inicial do tamanho estimado da amostra, utilizou a seguinte fórmula.

$$n_0 = 1 / E^2 \quad (1)$$

Onde:

n_0 – Uma primeira aproximação para o tamanho da amostra

E – Erro amostral tolerado na pesquisa.

Com base no nível de confiança definido em 95%, o erro amostral tolerado é de 5%, o valor estimado da amostra foi de:

$$n_0 = 1/0,05^2$$

$$n_0 = 400$$

Para a correção da amostra cuja população é conhecida, Barbetta (2012) recomenda uma segunda Equação:

$$n = N \times n_0 / (N + n_0) \quad (2)$$

Onde:

N – Tamanho da população

n – Tamanho da amostra

n_0 – Uma primeira aproximação para o tamanho da amostra

E – Erro amostral tolerado na pesquisa

O resultado final da amostra, utilizando a fórmula acima, ficou com os seguintes valores:

$$n = 34.760 \times 400 / (34.760 + 400)$$

$$n = 13.904.000 / 35.160$$

$$n = 395,44 \rightarrow n \cong 400$$

Em síntese, o número de amostras de escolas necessário para garantir o nível de confiança dentro da margem de erro estabelecida é de 400 unidades. No entanto, Barbetta (2012) alerta que, para o plano de amostragem é imprescindível ter bem definido os objetivos da pesquisa, nesse caso, a influência do Inse sobre a gestão dos recursos de leitura das unidades de ensino. Em decorrência desta pesquisa trabalhar com Grupos de 1 a 6 conforme o Inse das escolas públicas municipais, explica-se que

o Grupo 7 de Inse possui somente uma escola municipal, impossibilitando o processo de inferência estatística. Nesse caso, optou-se pelo processo de amostragem estratificada uniforme de 400 unidades de ensino por grupo de Inse. A amostragem estratificada uniforme é utilizada quando se pretende comparar os diversos estratos, no caso, os grupos de Inse (BARBETTA, 2012).

4.3.2. Técnicas de análise dos dados

Para a análise da relação entre as respostas do questionário da escola com as respostas do questionário do aluno, utilizou-se o total de alunos de 400 unidades de amostragem das escolas por resposta. Dessa forma, por exemplo, a questão 57 (ESCOLA_Q057) do questionário da escola que trata sobre as “condições de uso da biblioteca escolar”, das alternativas de resposta “bom”, “regular”, “ruim” e “inexistente”, foram selecionadas 400 unidades de amostragem de escolas que responderam cada uma das questões, totalizando 1600 amostras, desse total, foi realizada a análise, por meio da tabela de cruzamento com o número total de alunos selecionados dessas escolas e as devidas inferências estatísticas.

Com base em Barbetta (2012), considerando a natureza categórica dos dados de análise bivariada, realizada por meio da tabela de contingência, o teste estatístico qui-quadrado (χ^2) foi utilizado para verificar a probabilidade p de associação entre as variáveis em estudo, se independentes (hipótese H_0 verdadeira), ou dependentes (hipótese H_1), conforme o nível de significância ($\alpha = 0,05$) predefinido, utilizando a seguinte fórmula:

$$X^2 = \sum_{i=j}^{k=1} \frac{(f_o - f_e)^2}{f_e} \quad (3)$$

$$gl=c-1 \times l-1$$

Onde:

f_o = frequência observada;

f_e = frequência esperada.

Mediante o exposto, a metodologia utilizada visa a verificar a correlação entre o Inse das unidades de ensino cuja dependência administrativa são os municípios, com as respostas do questionário da escola sobre a situação da gestão das bibliotecas e do acervo de livros, e ainda, havendo diferenças significativas, se estas impactam na resposta do questionário do aluno sobre uso da biblioteca escolar e hábitos de leitura, com foco nos estudantes do 5º ano do ensino fundamental.

5 DESENVOLVIMENTO

O Inep, por meio do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), tem avançado na identificação dos fatores que impactam a qualidade do ensino, produzindo dados que indicam correlações importantes, contribuindo para o aprimoramento da gestão educacional. Nesse aspecto, é preciso destacar que gastos governamentais por si só não garantem a elevação dos índices educacionais. Faz-se necessário o acompanhamento efetivo para constatar a eficácia do processo, possibilitando os ajustes necessários. No caso dos programas de incentivo à leitura promovido pelo Ministério da Educação, avaliações nacionais e internacionais têm demonstrado que houve pouco avanço a despeito das medidas adotadas.

Com o intuito de ampliar o conhecimento sobre os elementos envolvidos nessa problemática, utilizou-se, para essa análise, os microdados da edição de 2013 do Saeb. Esta foi a primeira edição contendo o Inse das escolas brasileiras. Os dados foram obtidos via *download* no endereço eletrônico do Inep, e as informações contidas compreendem os resultados dos questionários de contextualização aplicados conjuntamente com a Prova Brasil. Considerando os objetivos desta pesquisa, foram realizadas análises estatísticas com foco nas respostas das escolas municipais e dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, conforme os grupos de Inse definido pelo Inep.

Nesta seção, será apresentado um resumo da proporção de unidades de ensino por dependência administrativa em cada região, destacando as áreas geográficas onde as redes municipais possuem maior peso, conjuntamente com o quadro socioeconômico. Na sequência, serão demonstradas as diferenças no uso dos recursos de leitura nas escolas, de acordo com os setes grupos socioeconômico. Por último, será exposto o impacto das condições de uso da biblioteca e do acervo de livros na prática de leitura dos alunos.

5.1. DESCRIÇÃO DOS DADOS

Os dados do Saeb utilizados nesta pesquisa são apresentados de acordo com a estrutura dos sistemas de ensino do país, estabelecido pela Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), onde diz que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios desenvolvem seus próprios sistemas de ensino, ao mesmo tempo em que trabalham em regime de colaboração. Mas, na prática, há diferenças significativas quanto aos resultados. Na Tabela 5.1,

apresenta-se a proporção de unidades de ensino por dependência administrativa em cada região, com base no total de 59.921 escolas, que fizeram parte da pesquisa do Saeb 2013.

Tabela 5.1 - Unidades de ensino por dependência administrativa.

DEPENDÊNCIA ADM.	REGIÃO					TOTAL
	CENTRO OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL	
FEDERAL	0,5%	0,2%	0,5%	0,4%	0,4%	0,3%
ESTADUAL	48,3%	19,3%	35,7%	43,9%	44,6%	35,4%
MUNICIPAL	44,3%	76,7%	58,8%	52,6%	52,3%	60,5%
PRIVADA	6,9%	3,8%	5,0%	3,1%	2,7%	3,8%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelo próprio autor a partir de dados do Saeb 2013.

A maior parte das unidades de ensino pertencem à dependência administrativa dos municípios, com 60,5% do total de escolas do país, em segundo lugar estão os estados que são responsáveis por 35,4% das unidades de ensino. O destaque é a proporção de escolas municipais nas regiões reconhecidamente mais pobres, chegando a 76,7% do total de escolas da região Nordeste.

As escolas municipais, escopo desta pesquisa, totalizam 35824 unidades da base de dados do Saeb 2013. Em decorrência da grande desigualdade entre regiões, apresenta-se, na Tabela 5.2, a proporção de escolas municipais por região, classificadas dentre os setes níveis socioeconômicos definidos pelo Inep.

Tabela 5.2 - Escolas municipais por nível socioeconômico distribuídas por região.

Nível Sócio Econômi co	REGIÕES					TOTAL
	CENTRO OESTE	NORDE STE	NORTE	SUDES TE	SUL	
Grupo 7	0	0	0	1	0	1
(%)	(0,0%)	(0,0%)	(0,0%)	(0,0%)	(0,0%)	(0,0%)
Grupo 6	24	2	7	440	340	813
(%)	(1,4%)	(0,0%)	(0,7%)	(4,2%)	(7,2%)	(2,3%)
Grupo 5	468	110	178	5426	2567	8749
(%)	(23,5%)	(0,7%)	(4,7%)	(51,8%)	(54,3%)	(24,4%)
Grupo 4	1136	2572	947	3709	1542	9906
(%)	(57,1%)	(17,3%)	(25,0%)	(35,4%)	(32,6%)	(27,7%)

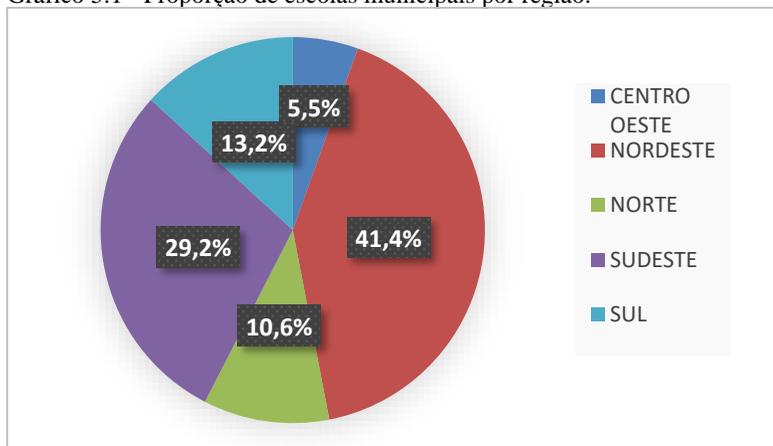
Grupo 3	284	6219	1325	593	207	8628
(%)	(14,3%)	(41,9%)	(35,0%)	(5,7%)	(4,4%)	(24,1%)
Grupo 2	17	4130	773	137	13	5070
(%)	(0,9%)	(27,8%)	(20,4%)	(1,3%)	(0,3%)	(14,2%)
Grupo 1	4	1498	387	28	1	1918
(%)	(0,2%)	(10,1%)	(10,2%)	(0,3%)	(0,0%)	(5,4%)
Indefini do	55	317	168	138	60	739
(%)	(2,8%)	(2,1%)	(4,5%)	(1,3%)	(1,3%)	(2,1%)
Total	1988	14848	3786	10472	4730	35824
(%)	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013.

Na tabela 5.2, nas regiões Sul e Sudeste, 54,3% e 51,8% das escolas respectivamente, estão classificadas no Grupo 5 do nível socioeconômico, enquanto nas regiões Norte e Nordeste apenas 4,7% e 0,7%, respectivamente estão nesse mesmo grupo. Nesse aspecto, qualquer fator correlacionado ao baixo nível socioeconômico é mais impactante nas regiões Norte e Nordeste do país.

A distribuição da quantidade de escolas municipais por região não segue o peso demográfico, mas parece estar relacionada à dimensão territorial. Além do baixo nível socioeconômico, a região Nordeste possui ainda a maior proporção de escolas municipais, ilustrado no Gráfico 5.1, a seguir.

Gráfico 5.1 - Proporção de escolas municipais por região.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor a partir de dados do Saeb 2013.

Utilizando como o exemplo da região Nordeste, com 41,1% do total escolas municipais, sendo a maioria classificada com baixo Inse, aponta-se um elevado grau de complexidade para se colocar em prática políticas públicas universais de melhoria da qualidade do ensino no país. No outro extremo, encontra-se a região Sul, com apenas 13,2% do total das escolas municipais, possui elevada classificação dentre os grupos de Inse. Essas informações reforçam a necessidade de se propor ações governamentais de acordo com as características próprias de cada território.

5.2. GRUPO SOCIOECONÔMICO DAS ESCOLAS

O Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) das escolas, definido pelo Inep com base nas respostas dos questionários de contextualização do aluno, contribui para vários tipos de análises. Com base no Inse, é possível fazer estudos de determinados grupos de escolas que se enquadram em uma mesma situação socioeconômica, e verificar como ocorrem as situações impostas pelo nível em que se encontram. Alves, Soares e Xavier (2014) diz que indicadores de nível socioeconômico podem ser utilizados nas pesquisas de diferentes formas, como uma variável de explicação, controle ou planejamento em análises comparativas.

Por meio da tabelas de referência cruzada, utiliza-se, neste estudo, o Inse como um fator para identificar possíveis diferenças nas bibliotecas e no acervo das escolas, dentro de cada grupo socioeconômico. As escolas que são públicas deveriam ser equiparadas para dar condições educacionais similares a todos os alunos, entretanto, não é o que ocorre.

A biblioteca exerce um papel estratégico dentro do ambiente escolar, podendo servir de suporte para práticas pedagógicas exitosas. A situação precária da biblioteca escolar ou mesmo a sua ausência nas unidades de ensino, quase sempre estão acompanhadas de duas situações: baixa proficiência e menor nível socioeconômico dos alunos matriculados. Em um sistema educacional que se pretende transformar a sociedade por meio do conhecimento, é imprescindível que haja os investimentos necessários para o pleno funcionamento das bibliotecas escolares. “Percebe-se a importância da Biblioteca Escolar como efetivo instrumento de ação e aplicação dos valores humanos da sociedade, mas que pouco tem sido contemplado na prática” (SILVA, 2011, p. 490)

Para evidenciar as diferenças entre as condições da biblioteca escolar conforme o Inse das escolas, foi utilizado, por esta pesquisa, o “Questionário da Escola” da edição do Saeb 2013. Das 74 questões que

compõem esse questionário, 06 (seis) foram selecionadas para esta análise por tratar diretamente da situação da biblioteca e do acervo de livros das escolas. A descrição dos resultados será apresentada na forma de gráficos, cujas respostas estão agrupadas de acordo com o Inse das escolas, no entanto, ausência do “Grupo 7” do nível socioeconômico é em decorrência de haver apenas uma escola municipal enquadrada nesse nível. Cabe observar que esse questionário é respondido pelo aplicador da Prova Brasil, uma pessoa externa à instituição. Outra observação importante é que há uma junção e até uma certa confusão entre biblioteca e sala de leitura, sendo que o questionário inclui as duas estruturas no mesmo enunciado como equivalentes.

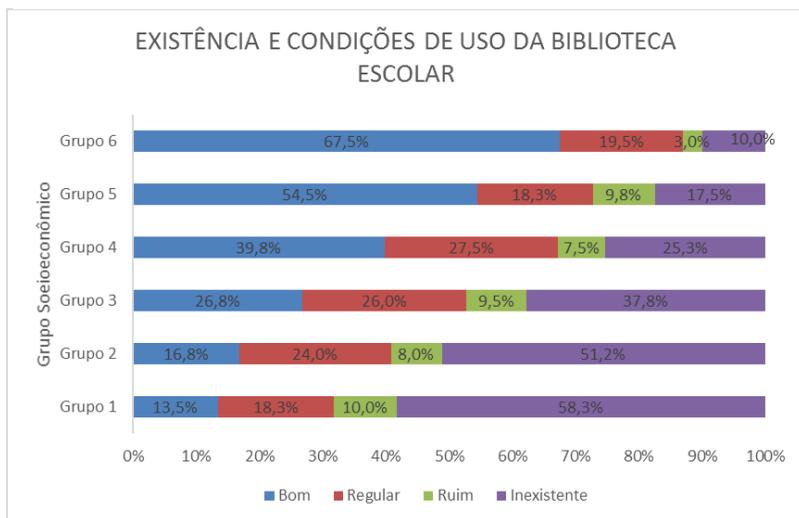
No entanto, como um dos principais objetivos de grande parte das pesquisas do campo educacional é encontrar conexões entre os fatores que repercutem na aprendizagem dos alunos, é acrescentado na análise de cada uma das questões sobre a condição da biblioteca e do acervo de livros, 02 (duas) questões do “Questionário do Aluno” do 5º ano do ensino fundamental. Essas questões foram respondidas pelos alunos e refletem a sua prática de leitura.

Desse modo, nas próximas subseções serão apresentados os dados na forma de gráficos evidenciando as condições de uso da biblioteca escolar; qualidade do acervo; situação dos espaços de estudo; forma como os livros são disponibilizados para os alunos; presença de responsável pela biblioteca ou sala de leitura e ainda se os livros são levados para casa, tendo por base os Grupos Socioeconômicos em que as escolas se enquadram. Concomitantemente à apresentação desses gráficos, serão apresentadas três tabelas de referência cruzada, correlacionando as questões do Questionário do Aluno sobre a situação da frequência de leitura de livros e frequência de costume de ir à biblioteca.

5.2.1. Condições de uso da biblioteca escolar

O primeiro item analisado é a questão de número 57 (ESCOLA_Q057), do questionário da escola, que solicita ao respondente indicar sobre a existência e as condições de uso da biblioteca, tendo como opções de resposta as seguintes alternativas: “bom”, “regular”, “ruim” ou “inexistente”. A seguir, observam-se os resultados conforme os Grupos Socioeconômicos das escolas.

Gráfico 5.2 - Existência e condições de uso da biblioteca por Grupo Socioeconômico.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

É possível constatar no Gráfico 5.2 que, o Grupo Socioeconômico, conforme o Inse a que a escola faz parte, tem grande influência sobre a existência e as condições de uso da biblioteca escolar. Conforme apresentado no gráfico acima, quanto maior o Grupo de Inse, maior será a proporção de escolas em que as condições da biblioteca são consideradas boas. Em relação à existência dessa estrutura nas escolas, 58,3% das unidades de ensino do Grupo 1, não possuem biblioteca, em comparação aos 10,0%, das escolas do Grupo 6. O efeito do fator socioeconômico nas condições da biblioteca escolar é, portanto, significativo.

Na Tabela 5.3, apresenta-se a frequência de alunos em relação a prática da leitura de livros, conforme a existência e as condições de uso biblioteca escolar (ESCOLA_Q057 x ALUNO_Q033).

Tabela 5.3 - Correlação entre condições de uso da biblioteca e frequência de leitura de livro.

Existência e condições de uso da	Questão do aluno Com qual frequência você lê livros			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total

biblioteca escolar				
Bom (%)	3271 (31,9)	2452 (32,8)	283 (31,6)	6006 (32,2)
Regular (%)	2607 (25,4)	1823 (24,4)	228 (25,5)	4658 (25,0)
Ruim (%)	2412 (23,5)	1852 (24,8)	222 (24,8)	4486 (24,1)
Inexistente (%)	1967 (19,2)	1339 (17,9)	162 (18,1)	3468 (18,6)
Total (%)	10257 (100)	7466 (100)	895 (100)	18618 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Observa-se que a proporção de alunos que responderam “sempre ou quase sempre”, “de vez em quando” e “nunca ou quase nunca” é semelhante, não apresentando evidências de que a existência ou as condições de uso da biblioteca interfira na frequência dos alunos de leitura de livros, não sendo estatisticamente significativo, com *um valor-p=0,123* ($p > \alpha$).

Quanto à relação das condições de uso da biblioteca e a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca (ESCOLA_Q057 x ALUNO_Q037), esta apresentou diferenças importantes, como pode ser observado na Tabela 5.4.

Tabela 5.4 - Correlação entre condições de uso da biblioteca e frequência dos alunos na mesma.

Existência e condições de uso da biblioteca escolar	Questão do aluno Com que frequência você costuma ir à biblioteca			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Bom (%)	1846 (40,0)	2889 (33,5)	1271 (23,6)	6006 (32,2)
Regular (%)	1202 (26,1)	2226 (25,8)	1230 (22,8)	4658 (25,0)
Ruim (%)	996 (21,6)	2100 (24,4)	1390 (25,8)	4486 (24,1)
Inexistente (%)	566 (12,3)	1403 (16,3)	1799 (27,8)	3468 (18,6)
Total (%)	4610 (100)	8616 (100)	5390 (100)	18618 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

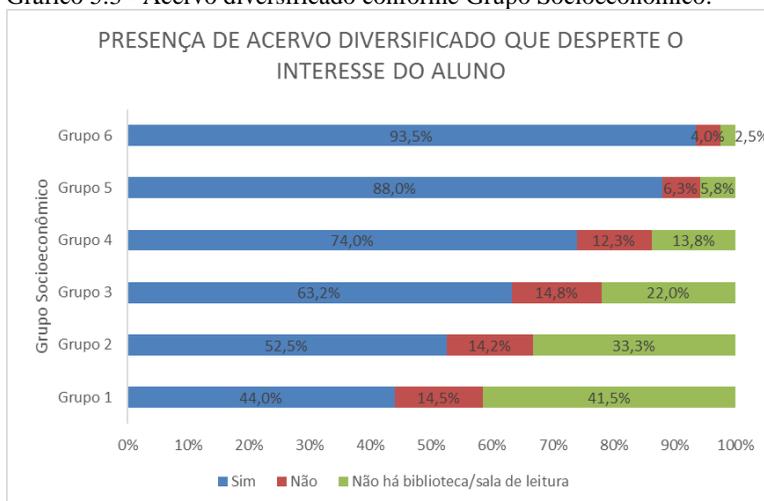
Esses resultados demonstram que a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca é influenciada pelas condições de uso da mesma. Quando é considerado “bom” as condições de uso da biblioteca, a frequência de alunos que afirma frequentar “sempre ou quase sempre” chega a 40%, em contrapartida, quando a condição da biblioteca é considerada “ruim”, apenas 21% desse grupo de alunos frequenta esse espaço. Dos alunos que responderam que “nunca ou quase nunca” frequentam a biblioteca, a proporção apresenta pouca variação em decorrência das condições da biblioteca. No geral, os resultados se mostraram estatisticamente significativos, com $\text{valor-}p=0,00$ ($p < \alpha$).

Percebe-se que o Inse das escolas apresenta relação sobre a existência e as condições de uso da biblioteca. Redes de ensino com maior Inse, tendem a ter maior quantidade de escolas com biblioteca em boas condições de uso. Apesar disso, a frequência com que os alunos se declaram ler livros parece ser pouco impactada pela presença da biblioteca na escola, mas demonstra ser significativa para a frequência com que vão à biblioteca.

5.2.2. Acervo diversificado e atrativo

As condições do acervo é objeto da questão 65 (ESCOLA_Q065), do Questionário da Escola. O item requer ao respondente informar se a biblioteca ou sala de leitura possui acervo diversificado que desperte o interesse dos alunos, tendo como alternativa as respostas: “sim”, “não” e “não há biblioteca ou sala de leitura”. Dentre outros fatores, o resultado dessa questão está correlacionado a programas de distribuição de livros para as escolas públicas. A seguir, é apresentada uma síntese dos resultados.

Gráfico 5.3 - Acervo diversificado conforme Grupo Socioeconômico.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

O Gráfico 5.3 mostra que maior parte das escolas municipais apresentam acervo diversificado, o que revela que os programas de distribuição de livros estão presentes em grande quantidade de escolas. Entre os Grupos de Inse de 1 ao 4, a variação do percentual de escolas que não possuem acervo diversificado é parecida, variando entre 14,5% no Grupo 1, a 12,3% no Grupo 4. A grande diferença está nas escolas que ainda não possuem biblioteca ou sala de leitura, sendo que esse percentual é de 41,5% no Grupo 1, na outra ponta da realidade este percentual é de apenas 2,5% no Grupo 6.

O impacto da presença de acervo diversificado que desperte o interesse do aluno foi correlacionado à frequência de leitura de livros (ESCOLA_Q065 x ALUNO_Q033), e também a frequência com que o aluno costuma ir à biblioteca (ESCOLA_Q065 x ALUNO_Q037). Os resultados são apresentados na Tabela 5.5.

Tabela 5.5 - Correlação entre presença de acervo diversificado e frequência com que os alunos leem livros.

Possui acervo diversificado o que desperte o	Questão do aluno Com qual frequência você lê livros			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total

interesse dos alunos				
Sim (%)	746 (55,0)	613 (56,4)	62 (57,9)	1421 (55,7)
Não (%)	375 (27,7)	287 (26,4)	30 (28,0)	692 (27,1)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	235 (17,3)	187 (17,2)	15 (14,0)	437 (17,1)
Total (%)	1356 (100)	1087 (100)	107 (100)	2550 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Contrariando o senso comum, na Tabela 5.5, observa-se que a presença de acervo diversificado não aparenta ter influência sobre a frequência com que os alunos leem livros. Chama a atenção os alunos que declararam que nunca ou quase nunca leem livros, 57,9% estão em escolas que possuem acervo diversificado. O resultado estatisticamente não foi considerado significativo, com $valor-p=0,857$ ($p > \alpha$).

Contudo, a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca apresenta uma certa correlação com a presença de acervo diversificado, como mostra a Tabela 5.6.

Tabela 5.6 - Correlação entre acervo diversificado e frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca.

Possui acervo diversificado que desperte o interesse dos alunos	Questão do aluno			
	Com que frequência você costuma ir à biblioteca			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	329 (59,3)	633 (57,7)	459 (51,2)	1421 (55,7)
Não (%)	158 (28,5)	316 (28,8)	218 (24,3)	692 (27,1)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	68 (12,3)	149 (13,6)	220 (24,5)	437 (17,1)
Total (%)	555 (100)	1098 (100)	897 (100)	2550 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

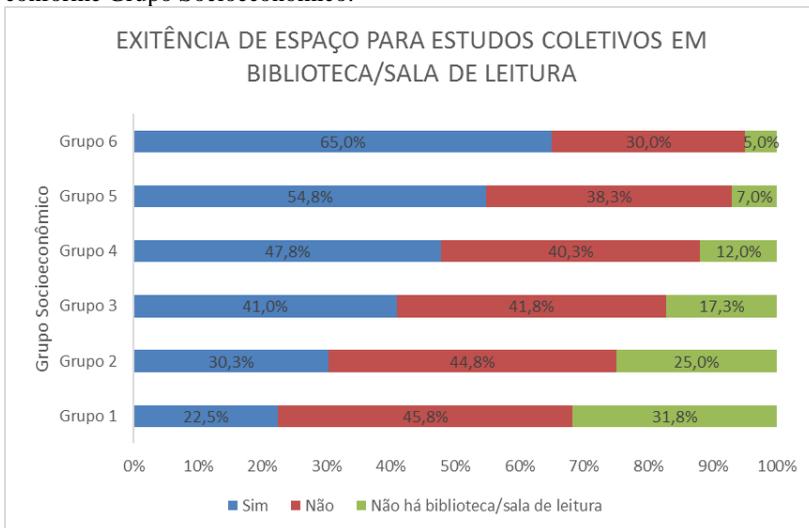
Dos alunos que disseram que “sempre ou quase sempre” costumam ir a biblioteca, 59,3% estão nas escolas que possuem acervo diversificado. No entanto, o grupo de alunos que responderam que “nunca ou quase nunca” vão a biblioteca, manteve uma proporção alta de 51,2%, mesmo com a presença do acervo diversificado. A diferença maior está quando esse espaço é assinalado como inexistente, com apenas 12,3% e 13,6% dos alunos declarando ir à biblioteca “sempre ou quase sempre” e “de vez em quando” respectivamente, em oposição aos 24,5% que informaram “nunca ou quase nunca” vão à biblioteca. Essa informação pode dar pistas de que, em algumas situações, o depósito de livros é confundido como biblioteca, o que leva o aluno a responder que frequenta esse espaço, mesmo sem ele existir para a escola. A correlação entre a presença do acervo diversificado e a frequência com que os alunos vão à biblioteca é significativa, com $\text{valor-}p=0,00$ ($p < \alpha$).

Nesta análise o Inse da escola está mais associado à presença ou ausência da biblioteca do que do acervo. Embora não esteja evidente a relação entre acervo diversificado e prática de leitura dos alunos, a frequência com que estes vão à biblioteca demonstra ter uma correlação significativa.

5.2.3. Espaços para estudos coletivos

O espaço para estudos coletivos foi abordado na questão 67 (ESCOLA_Q067), do Questionário da Escola. Mais uma vez, a biblioteca e a sala de leitura são apresentadas como equivalentes. O item interpela o respondente em relação à biblioteca ou sala de leitura, se possui espaço para estudos coletivos, sendo as alternativas: “sim”, “não” e “não há biblioteca/sala de leitura”. O resultado é mostrado no Gráfico 5.4.

Gráfico 5.4 - Espaços para estudos coletivos em biblioteca/sala de leitura conforme Grupo Socioeconômico.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Por vezes, em decorrência das condições de moradia, o aluno não tem em sua casa um espaço adequado onde possa realizar suas atividades educacionais, em especial a leitura. Sabe-se que um espaço adequado para a realização de atividades que exigem concentração contribui para melhorar o desempenho na aprendizagem, sendo o espaço de estudos coletivos uma alternativa quando a escola o possui. Nos resultados apresentados no Gráfico 5.4, grande parte das escolas municipais sequer têm bibliotecas ou salas de leitura, variando percentualmente entre 45,8% a 30,0% dentre o menor e maior grupo de Inse sem espaços para estudos coletivos. Porém, nas escolas de Inse dos Grupos 5 e 6, mais da metade possuem espaços de estudos coletivos, com 54,8% e 65,0% respectivamente. Conclui-se, a partir de então, que os alunos provenientes das classes socioeconômica mais favorecida, também têm escolas públicas, em sua maioria, com melhores condições para o desenvolvimento das atividades de aprendizagem.

Cabe verificar se a condição do espaço para estudos coletivos desperta, de alguma maneira, o interesse do aluno pela leitura ou, ainda, se o incentiva a ir com mais frequência à biblioteca. A correlação entre a existência de espaços coletivos de estudo com a prática de leitura (ESCOLA_Q067 x ALUNO_Q033), e com a frequência com que os

alunos vão à biblioteca (ESCOLA_Q067 x ALUNO_Q037) estão apresentadas nas tabelas de referência cruzadas a seguir.

Tabela 5.7 - Correlação entre espaços para estudos coletivos e a frequência de leitura de livros.

Possui espaço para estudos coletivos	Questão do aluno Com qual frequência você lê livros			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	688 (43,4)	540 (41,7)	72 (38,5)	1300 (42,4)
Não (%)	618 (38,9)	505 (39,0)	72 (38,5)	1195 (38,9)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	281 (17,7)	250 (19,3)	43 (23,0)	574 (18,7)
Total (%)	1587 (100)	1295 (100)	187 (100)	3069 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Na Tabela 5.7, mostra-se que, em relação à escola possuir um espaço para estudos coletivos, este tem pouco impacto na prática de leitura dos alunos que “nunca ou quase nunca” leem. No geral, as diferenças não apresentam uma significância estatística, sendo o *valor-p* = 0,392 ($p > \alpha$).

Observa-se que, quanto mais favoráveis forem as condições de uso da biblioteca, maior parece ser a frequência dos alunos nesse espaço. A seguir, é apresentada, na Tabela 5.8, a correlação entre a existência de espaço para estudos coletivos e a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca.

Tabela 5.8 - Correlação entre espaço para estudos coletivos e frequência de uso da biblioteca.

Possui espaço para estudos coletivos	Questão do aluno Com que frequência você costuma ir à biblioteca			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	346 (54,1)	610 (45,0)	344 (32,0)	1300 (42,4)
Não (%)	214 (33,4)	569 (42,0)	412 (38,4)	1195 (38,9)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	80 (12,5)	176 (13,0)	318 (29,6)	574 (18,7)

Total (%)	640 (100)	1355 (100)	1074 (100)	3069 (100)
-----------	-----------	------------	------------	------------

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Na Tabela 5.8, mostra-se a influência da existência do espaço para estudos coletivos para a frequência dos alunos irem à biblioteca. Dos alunos que assinalaram “nunca ou quase nunca” costumam ir à biblioteca, apenas 32,0% estão nas escolas em que há os espaços para estudos coletivos. Outro dado importante é que, dos alunos que responderam que frequentam “sempre ou quase sempre”, mais da metade, 54,1%, estão matriculados nas escolas em que há esses espaços. Estatisticamente há correlação entre as duas variáveis, com $p=0,000$ ($p < \alpha$).

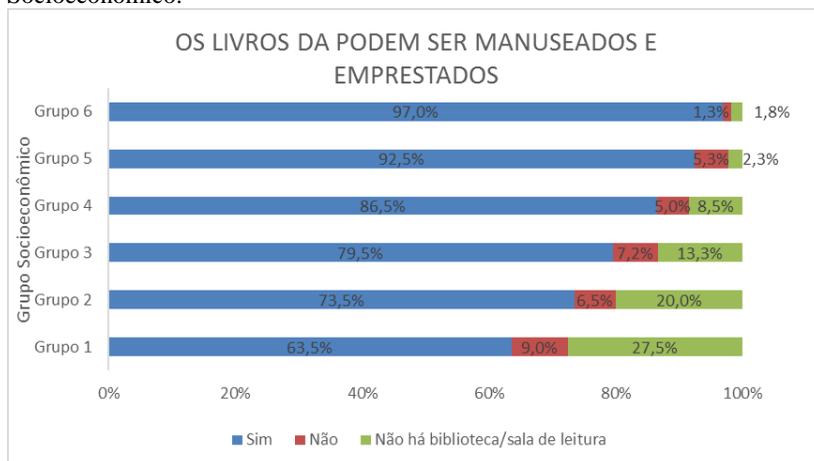
Portanto, quanto maior o Inse maior é a quantidade de escolas que possuem espaços coletivos de estudos, embora se não tenha evidenciado diferenças significativas quanto à prática da leitura, não se pode afirmar o mesmo da frequência com que o aluno frequenta a biblioteca, sendo esse hábito fortemente influenciado pela existência desses espaços.

5.2.4. Manuseio e empréstimo de livros

Campello (2012, p. 16), afirma que: “a presença maciça de livros didáticos em muitas bibliotecas mascara o tamanho do acervo”. De fato, a quantidade de livros não significa que a biblioteca seja diversificada, entretanto, a disponibilidade dos livros para os alunos é outro assunto que merece atenção, considerando que, muitas escolas com intenção de “preservar” o acervo, não permitem o seu manuseio pelos discentes.

Na questão 68 (ESCOLA_Q068), do Questionário da Escola, interpela-se sobre o manuseio dos livros. Ao respondente é indagado se os livros podem ser manuseados e emprestados, tendo como alternativas de resposta: “sim”, “não” e “não há biblioteca ou sala de leitura”. O Gráfico 5.5, exibe as nuances das respostas a essa questão com base nos grupos de Inse das escolas municipais.

Gráfico 5.5 - Os livros podem ser manuseados e emprestados conforme Grupo Socioeconômico.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Percebe-se que a problemática da inexistência das bibliotecas e salas de leitura é um revés que merece destaque dentro do Grupo de escolas de baixo Inse, atingindo mais de 27,5% das escolas do Grupo 1. Todavia, a maioria das unidades de ensino colocam à disposição dos alunos os livros como estratégia essencial para o desenvolvimento da proficiência em leitura, a partir do entendimento que esses livros do acervo das escolas pode ser uma das poucas, senão a única forma de muitos alunos terem acesso a esse bem cultural. Quando se observa o Grupo 6, os dados mostram que 97,0% das escolas permitem ao aluno ter acesso aos livros, decrescendo essa porcentagem até o Grupo 1, com 63,5%. Nesse grupo, 27,5% das escolas não têm biblioteca ou sala de leitura.

O manuseio e o empréstimo de livros demonstram não apresentar forte correlação quanto à frequência com que os estudantes afirmam que leem livros (ESCOLA_Q068 x ALUNO_Q033), mas apresenta ligação com a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca (ESCOLA_Q068 x ALUNO_Q037). Nas tabelas a seguir, estão os resultados da correlação dessas questões.

Tabela 5.9 - Correlação entre manuseio/empréstimo de livros e frequência de leitura.

Os livros podem ser	Questão do aluno Com qual frequência você lê livros
---------------------	--

manuseados e emprestados	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	2804 (42,9)	2137 (44,2)	255 (41,5)	5196 (43,3)
Não (%)	1835 (28,1)	1410 (29,2)	190 (30,9)	3435 (28,7)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	1897 (29,0)	1290 (26,7)	170 (27,6)	3357 (28,0)
Total (%)	6536 (100)	4837 (100)	615 (100)	11988 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Conforme apresentado na Tabela 5.9, a variação entre os grupos de alunos que responderam que leem livros “sempre ou quase sempre” com os que leem “de vez em quando” e “nunca ou quase nunca” em relação aos das escolas onde os livros são manuseados e emprestados, se mostrou estatisticamente significativa, com $valor-p=0,053$ ($p < \alpha$).

Com relação à frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca, a facilidade de manuseio e empréstimo dos livros exibe uma certa correlação. Do total de alunos que responderam que “nunca ou quase nunca” costumam ir à biblioteca, a proporção é menor nas escolas onde os livros podem ser emprestados e manuseados, de acordo com Tabela 5.10

Tabela 5.10 - Correlação entre manuseio e empréstimo dos livros e frequência de ida a biblioteca.

Os livros podem ser manuseados e emprestados	Questão do aluno Com que frequência você costuma ir à biblioteca			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	1293 (50,4)	2419 (48,0)	1484 (33,8)	5196 (43,3)
Não (%)	727 (28,4)	1422 (28,2)	1286 (29,3)	3435 (28,7)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	544 (21,2)	1195 (23,7)	1618 (36,9)	3357 (28,0)
Total (%)	2564 (100)	5036 (100)	4388 (100)	11988 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Nas escolas em que os livros podem ser manuseados, metade dos alunos afirmam ir “sempre ou quase sempre” à biblioteca, 50,4% do total. A proporção de alunos que responderam que “de vez em quando” vão a biblioteca, também é alta quando há liberdade de uso dos livros, com 48,0%. A correlação entre as variáveis foi considerada estatisticamente, com $valor-p=0,00$ ($p < \alpha$).

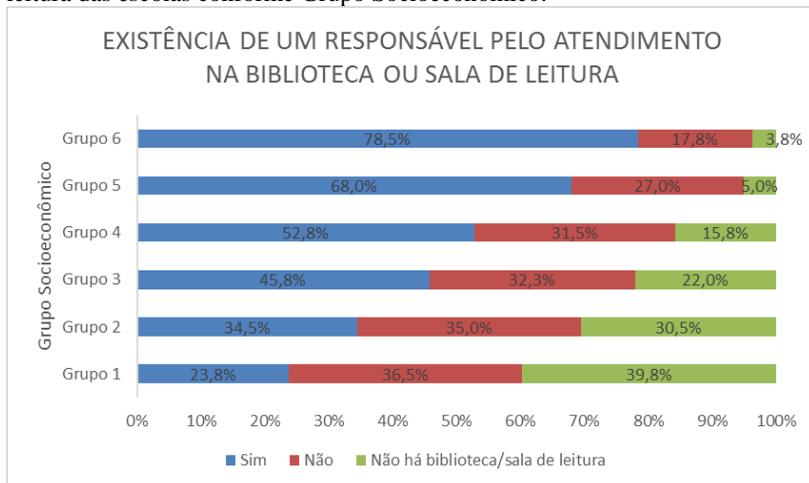
Conclui-se, assim, que a liberdade de manuseio e a possibilidade de os alunos tomarem o livro emprestado aumenta a frequência com que a biblioteca da escola é frequentada, sendo um passo importante para o desenvolvimento da prática da leitura.

5.2.5. Orientador ou responsável pelos espaços de leitura

A presença de um responsável pela biblioteca ou sala de leitura faz parte do enunciado da questão 71 (ESCOLA_Q071), do Questionário da Escola que será analisada nesta seção.

Segundo Pereira (2006), a ausência de profissionais com formação nas bibliotecas é um grave problema, sendo que, muitas vezes, os professores readaptados são colocados para cuidar desses espaços, isso quando não ocorre a ausência de um responsável. A questão que trata desse tema interroga se em relação à biblioteca ou sala de leitura existe uma pessoa responsável pelo atendimento, dando as seguintes alternativas de resposta: “sim”, “não” e “não há biblioteca ou sala de leitura”. No Gráfico 5.6, apresentam-se os resultados por Grupos de Inse das escolas.

Gráfico 5.6 - Existência de responsável pelo atendimento na biblioteca ou sala de leitura das escolas conforme Grupo Socioeconômico.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

No gráfico acima, observa-se que apenas 23,8% das escolas do Grupo 1, possui um responsável pelo atendimento na biblioteca ou sala de leitura. Essa quantidade de escolas com um responsável na biblioteca aumenta, gradativamente até o maior Grupo Socioeconômico. No Grupo 6, há cerca de 78,5% das unidades de ensino com alguma pessoa incumbida de cuidar desses espaços. Destaca-se a importância da presença de alguém na biblioteca ou sala de leitura não apenas para cuidar do espaço ou do acervo, mas, principalmente para incentivar a prática da leitura, uma vez que várias estratégias podem ser utilizadas nesses ambientes, para desenvolver no aluno o gosto pelos livros.

Como muitos professores estão focados no conteúdo dos livros didáticos, a presença de um profissional constante na biblioteca e que tenha interesse em apresentar livros com outros títulos aos alunos é uma estratégia bastante significativa para o desenvolvimento do gosto por tipos variados de textos. Como o Gráfico 5.6 apresentou, a maioria das escolas pertencentes ao Grupo 1, não possuem esse profissional na biblioteca ou na sala de leitura. Em vista disso, as duas tabelas, a seguir, fazem a correlação desse fato com as respostas dos alunos sobre frequência com que declaram ler livros (ESCOLA_Q071 x ALUNO_Q033), e a frequência com que costumam ir à biblioteca (ESCOLA_Q071 x ALUNO_Q037).

Quando se compara as respostas dos alunos sobre a questão da frequência com que leem livros, esta tem demonstrado pouca variação, em relação à presença de um responsável pela biblioteca.

Tabela 5.11 - Correlação entre presença de um responsável na biblioteca/sala de leitura e frequência de leitura de livros.

Existe uma pessoa responsável pelo atendimento na biblioteca ou na sala de leitura.	Questão do aluno Com qual frequência você lê livros			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	497 (41,6)	437 (46,2)	58 (44,3)	992 (43,7)
Não (%)	383 (32,1)	293 (31,0)	41 (31,3)	717 (31,6)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	315 (26,4)	215 (22,8)	32 (24,4)	562 (24,7)
Total (%)	1195 (100)	945 (100)	131 (100)	2271 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Observa-se na Tabela 5.11 que, dos grupos de alunos que responderam que leem livros “sempre ou quase sempre”, “de vez em quando” e “nunca ou quase nunca” a proporção em relação a presença de um responsável pelo atendimento na biblioteca é similar, com pouca variação. Portanto, o nível de significância ficou abaixo do esperado, com $\text{valor-}p=0,231$ ($p > \alpha$).

Ao contrário da correlação anterior, a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca está fortemente correlacionada à presença de um responsável pelo atendimento na biblioteca/sala de leitura, conforme resultados apresentados na Tabela 5.12, a seguir.

Tabela 5.12- Correlação entre presença de um responsável na biblioteca/sala de leitura e a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca.

Existe uma pessoa	Questão do aluno Com que frequência você costuma ir à biblioteca			
-------------------	---	--	--	--

responsável pelo atendimento na biblioteca ou na sala de leitura.	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	254 (51,3)	512 (48,8)	226 (31,1)	992 (43,7)
Não (%)	143 (28,9)	330 (31,4)	244 (33,6)	717 (31,6)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	98 (19,8)	208 (19,8)	256 (35,3)	562 (24,7)
Total (%)	495 (100)	1050 (100)	726 (100)	2271 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

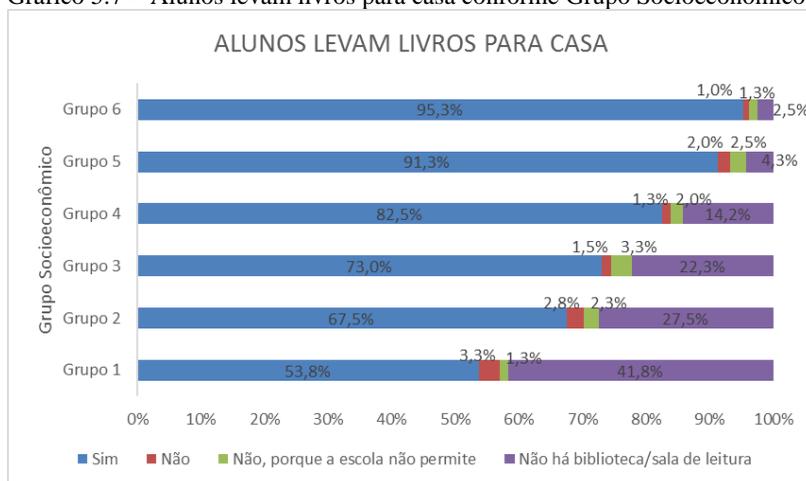
A proporção do total de alunos que responderam que “nunca ou quase nunca” costumam ir à biblioteca é menor nas escolas em que há o responsável pela biblioteca/sala de leitura. Inversamente, a existência dos que dizem que “sempre ou quase sempre” ou “de vez em quando” vão à biblioteca é alta, nas escolas com esse profissional. Por conseguinte, a correlação é significativa entre os dois fatores analisados na Tabela 4.11, com $\text{valor-}p=0,000$ ($p < \alpha$).

5.2.6. Alunos levam livros para casa

Tendo em vista que a maioria das escolas oferece aulas em um turno, é fácil supor que os alunos não tenham tempo para leitura de outros títulos além dos didáticos, em sala de aula, biblioteca ou sala de leitura.

Nesse aspecto, a questão 72 (ESCOLA_Q072), do Questionário da Escola, aborda sobre a situação de os alunos levarem livros para casa, tendo como como resposta possível: “sim”, “não, porque não querem”, “não, porque a escola não permite” e “não há biblioteca ou sala de leitura”. Nessa questão, é visível o impacto do Inse nas respostas, conforme os grupos em que escolas estão classificadas, como está demonstrado no Gráfico 5.7.

Gráfico 5.7 - Alunos levam livros para casa conforme Grupo Socioeconômico.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Na Gráfico 5.7, observa-se que a grande diferença ainda reside na proporção de escolas que não possuem biblioteca ou sala de leitura, no Grupo 1. Enquanto nas escolas do Grupo 6 apenas 2,5% não possuem biblioteca, nas unidades de ensino do Grupo 1, há 41,8% de escolas sem biblioteca ou sala de leitura, mesmo assim, a maior parte das escolas possibilita ao aluno levar livros para casa. É importante destacar que o governo federal mantém, há muitos anos, programas de distribuição de livros nas escolas públicas, sendo possível que, mesmo sem o espaço da biblioteca ou da sala de leitura, exista a presença de acervo nessas escolas.

Na correlação entre as escolas que possibilitam aos alunos levarem livros para casa e a frequência com que leem (ESCOLA_Q072 x ALUNO_Q033), é preocupante a quantidade de alunos em escolas que retêm os livros. Já, o fluxo na biblioteca é maior, quando a escola permite que os alunos levem os livros para casa (ESCOLA_Q072 x ALUNO_Q037).

Tabela 5.13 - Correlação entre levar os livros para casa e frequência dos alunos que leem livros.

Os alunos levam livros para casa	Questão do aluno Com qual frequência você lê livros			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total

Sim (%)	598 (35,3)	443 (31,5)	50 (26,7)	1091 (33,2)
Não (%)	351 (20,7)	358 (25,4)	57 (30,5)	766 (23,3)
Não, porque a escola não permite (%)	538 (31,8)	466 (33,1)	59 (31,6)	1063 (32,3)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	206 (12,2)	141 (10,0)	21 (11,2)	368 (11,2)
Total (%)	1693 (100)	1408 (100)	187 (100)	3288 (100)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

Na Tabela 5.13, observa-se que levar os livros para casa parece favorecer a existência de mais alunos que dizem que “sempre ou quase sempre” leem livros. Na coluna dos que “nunca ou quase nunca” leem livros, a proporção destes, nas escolas que deixam os alunos levar livros para casa é menor, em relação a quando a escola não permite. Nessa tabela, a correlação das variáveis se mostra positiva com $valor-p=0,002$ ($p < \alpha$).

O fato de haver na biblioteca ou sala de leitura livros disponíveis para serem levados para casa, já corrobora com a dedução de que haverá nessas escolas maior fluxo de alunos frequentando esses espaços. Na próxima Tabela 5.14, exibem-se as evidências desse fato.

Tabela 5.14 - Correlação entre levar os livros para casa e frequência do costume de ir à biblioteca.

Os alunos levam livros para casa	Questão do aluno			
	Com que frequência você costuma ir à biblioteca			
	Sempre ou quase sempre	De vez em quando	Nunca ou quase nunca	Total
Sim (%)	287 (47,4)	512 (37,3)	292 (22,3)	1091 (33,2)
Não (%)	100 (16,5)	314 (22,9)	352 (26,8)	766 (23,3)
Não, porque a escola não permite (%)	173 (28,6)	450 (32,8)	440 (33,5)	1063 (32,3)
Não há biblioteca/sala de leitura (%)	42 (7,4)	95 (6,9)	228 (17,4)	368 (11,2)

Total (%)	605 (100)	1371 (100)	1312 (100)	3288 (100)
-----------	-----------	------------	------------	------------

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos dados do Saeb 2013

A possibilidade de levar livros para casa é impactante para o maior número de alunos, frequentando a biblioteca/sala de leitura. Os dados apontam que 47,4%, dos alunos que “sempre ou quase sempre” frequentam a biblioteca, estão nas escolas que possibilitam levar o livro para casa e, nestas, há a presença de “apenas” 22,3% dos alunos que responderam que “nunca ou quase nunca” vão à biblioteca. A significância estatística nessa correlação e de *valor-p=0,000* ($p < \alpha$).

Portanto, incentivar os alunos a levar livros para casa é uma oportunidade para a escola aumentar a frequência da ida destes à biblioteca e salas de leitura, podendo contribuir para elevar a quantidade de leitores contumazes nesses estabelecimentos.

6 RESULTADOS

Neste trabalho, buscou-se verificar a influência do nível socioeconômico na forma como as escolas disponibilizam os recursos para o desenvolvimento da leitura de seus alunos.

O Inpe utilizou as respostas do questionário de contextualização do aluno para definir, a partir da edição do Saeb 2013, um Indicador de Nível Socioeconômico para as unidades de ensino. As escolas passaram a ser organizadas em 7 Grupos Socioeconômico, sendo o Grupo 1 o das escolas com a maioria de seus alunos pertencentes ao menor Inse, e o Grupo 7, representando o outro extremo da realidade social. No entanto, foi possível analisar e comparar apenas as escolas dos Grupos 1 ao 6, em decorrência do Grupo 7, de alto padrão socioeconômico, haver apenas uma escola municipal nessa classificação.

Foram identificadas diferenças no ambiente escolar de acordo com o Inse em todas as situações analisadas. A existência e as condições do uso da biblioteca; a presença de acervo diversificado e atrativo; a existência e as condições de espaços para estudos coletivos; a situação de manuseio e empréstimo dos livros; a presença de um responsável nos espaços como a biblioteca ou sala de leitura; e a situação de o aluno levar o livro para casa, todas essas variáveis foram analisadas e correlacionadas com a frequência com que os alunos declararam ler livros, e a frequência do costume de ir à biblioteca.

A condição da biblioteca escolar é significativamente influenciada pelos Inse das unidades de ensino. Entre o total de escolas do Grupo 1, a inexistência da biblioteca atinge 58,3%, sendo que, apenas em uma minoria, 13,5% ficou constatado que as condições das bibliotecas são boas. No outro extremo, apenas 10% das escolas do Grupo 6, não possuem biblioteca, e 67,5% têm boas condições de uso. Essa situação não exibiu uma relação significativa com a frequência com que os alunos responderam que leem livros, mas mostrou-se relevante como incentivo para a frequência do costume de irem à biblioteca.

Na análise sobre a existência de acervo diversificado e que desperte o interesse do aluno houve uma variação entre 44,0% a 93,5% do total de escolas entre os Grupos 1 ao 6 respectivamente. Essa expressiva variação decorre menos pela falta do acervo nas escolas e mais pela ausência de bibliotecas nas unidades de ensino de menor Inse. A correlação do acervo diversificado com a frequência de leitura dos alunos se mostrou fraca, mas significativa para a ida do aluno à biblioteca.

Sobre a existência de espaços para estudos coletivos, constatou-se que uma proporção alta de escolas de todos os Grupos Socioeconômicos não possuem esses espaços, ficando entre 45,8% e 30,0% das unidades de ensino do menor ao maior Inse, sem ter um local adequado para a realização de estudos coletivos. Na correlação entre a existência de espaços para estudos coletivos e a frequência de leitura de livros por alunos, essa não se mostrou significativa, no entanto, a frequência com que os alunos vão a biblioteca ficou em 54,1% do total de alunos que dizem ir “sempre ou quase sempre” à biblioteca.

A permissão para o manuseio e o empréstimo de livros é prática da maioria das escolas, independente do seu Inse. Comparando essa prática com os hábitos dos alunos, houve significativa correlação com a frequência de leitura e com o costume de ir à biblioteca. Mais uma vez a maior diferença entre as respostas conforme os Grupos de Inse está na quantidade de escolas do Grupo 1 em que não há biblioteca ou sala de leitura.

Um fator que se mostrou relevante para a frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca é a presença de uma pessoa responsável pelo atendimento. Nas escolas do Grupo 6, a presença desse profissional chega a 78,5%, superando em três vezes a quantidade de escolas do Grupo 1, com apenas 23,8%. Nessa questão, 39,8% das escolas do Grupo 1, não há biblioteca ou sala de leitura. Embora essa situação não tenha influenciado significativamente a frequência com que os alunos responderam que leem livros, mostrou ser significativa para aumentar o costume de ir à biblioteca.

Por último, a possibilidade de os alunos levarem livros para casa faz parte do cotidiano da maioria das escolas de qualquer grupo socioeconômico, e possuem correlação significativa entre a frequência com que os alunos leem e a frequência com que vão à biblioteca.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a influência dos fatores socioeconômicos na forma como são disponibilizados os recursos para o desenvolvimento da leitura para estudantes de escolas públicas das redes municipais de ensino. Para isso, utilizou os microdados do Saeb 2013, pois foi a partir dessa edição que o Inep divulgou o Indicador Socioeconômico (Inse) das escolas.

Resultados de avaliações como o Pisa e o Saeb, têm deixado evidente o baixo nível de proficiência em leitura de estudantes brasileiros. Por esse fato, é importante que mais estudos possam identificar os fatores correlacionados às práticas pedagógicas e às condições das unidades de ensino para mudar essa realidade.

O peso do nível socioeconômico nos resultados de testes educacionais tem sido tema de pesquisadores como Soares (2006), pela sua importância para contextualizar esses resultados e ajudar na compreensão com que o processo ensino-aprendizagem ocorre dentro de cada estrato das camadas sociais, favorecendo o direcionamento de políticas públicas.

A investigação da situação dos recursos de leitura nas escolas públicas como: as condições das bibliotecas, a existência de acervo escolar diversificado e estrutura física adequada para a realização de estudos coletivos, a prática de manuseio e empréstimos de livros, a presença de um responsável nos espaços de leitura e a possibilidade dos alunos levarem livros para a casa, foram analisados com base no Inse. A partir de então, buscou-se verificar as diferenças encontradas em cada um desses fatores com duas práticas importantes para a elevação da proficiência dos alunos: a frequência com que leem livros e a frequência com que costumam ir à biblioteca.

Partindo do pressuposto de que conhecer a realidade é o primeiro passo para intervir, os resultados foram considerados significativos, sobretudo para identificar as lacunas nas escolas de baixo Inse, cuja maioria encontra-se nas regiões Norte e Nordeste.

Foi possível identificar que, em relação as redes municipais de ensino, quanto menor for o nível socioeconômico da população de determinada localidade, mais escassos tendem a ser os recursos necessários para o desenvolvimento e prática da leitura nas escolas dessas localidades. O alerta que recai sobre grande parte regiões economicamente menos favorecidas, pois a escola pública é a principal e, em alguns casos, a única fonte de acesso a bens culturais como os livros. Assim, a intervenção do poder público para minimizar essas deficiências

se faz necessária, para que os alunos oriundos de famílias de baixa renda tenham oportunidades educacionais mais igualitárias.

A forma de incentivar a prática da leitura nas escolas públicas demonstrou ser mais complexa do que a simples presença de determinados recursos. Embora as condições de uso dos espaços de leitura e a existência de acervo diversificado nas escolas exerçam significativa influência na frequência com que os alunos costumam ir à biblioteca. Percebe-se que o ato de frequentar a biblioteca não está diretamente vinculado à prática de ler livros.

De modo geral, as desigualdades entre as unidades de ensino existem e são acentuadas conforme o Inse. Essa situação precisa ser corrigida, considerando que as escolas públicas têm por função social promover a equidade de oportunidades para os alunos socioeconomicamente mais vulneráveis. Contudo, para que essa equidade ocorra, se faz necessária a disponibilidade integral dos recursos analisados por esta pesquisa.

Um fato que merece destaque é a disponibilizados dos microdados do Saeb, por meio do portal do Inep. Durante a realização deste trabalho, foi possível identificar a evolução na organização das informações provenientes de cada edição do Saeb. O manuseio e as análises desses dados podem gerar um leque de conhecimento sobre a educação, nas várias esferas e níveis do ensino, pois é possível verificar desde a situação dos alunos por série, escolas, até a situação educacional de cada ente federado. O conhecimento gerado pelo manuseio e análise dos microdados contribuem de forma significativa como suporte, não apenas para pesquisadores, mas também para as gestões do ensino em qualquer nível que ela ocorra.

Embora as informações do Saeb seja um avanço significativo para o estudo dos fatores ligados ao ensino, os questionários de contextualização ainda necessitam de aperfeiçoamento. Foi percebido nas questões sobre as escolas como também nas questões sobre os alunos haver certo espaço para interpretações diferentes, o que gera respostas diferentes.

Contudo, com finalidade de conhecer as diferentes realidades que impactam a gestão das escolas municipais, principalmente no que concerne à utilização dos recursos de leitura para alunos do ensino fundamental I, acredita-se que os objetivos propostos foram alcançados, tendo por implicações a consciência de um cenário que precisa da intervenção dos vários atores que o compõem. Fica claro que é preciso uma mediação na forma como os recursos educacionais estão sendo distribuídos. É impreterível que sejam garantidos os meios necessários

para que as escolas de menor Inse disponham também de boas bibliotecas, de acervo diversificado e outros recursos tão necessários para o êxito pedagógico.

Finalmente, verifica-se a necessidade de mais pesquisas que visem o acompanhamento das condições para o desenvolvimento da leitura dentro do ambiente escolar no decorrer do tempo, através de dados de novas edições do Saeb, correlacionando-os com os indicadores socioeconômicos de forma a aferir a evolução da situação do letramento dos alunos a partir das condições sociais da população. Indica-se também a utilização do Indicador de Nível Socioeconômico (Inse) para correlacionar outros fatores que compõem a estrutura das unidades de ensino, de forma a obter um maior leque de informações dos efeitos da desigualdade social no ensino. Dessa forma, o Inse será melhor utilizado para a proposição de políticas públicas educacionais mais equalizadoras em termos de oportunidade de aprendizagem, propiciando o progresso da qualidade do ensino público brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Contexto escolar e indicadores educacionais: condições desiguais para a efetivação de uma política de avaliação educacional. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 177–194, jan./mar. 2013.

_____. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. **Opinião Pública**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 1–30, jun. 2009.

_____. O efeito das escolas no aprendizado dos alunos: um estudo com dados longitudinais no Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 527–544, set./dez. 2008.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco; XAVIER, Flávia Pereira. Índice socioeconômico das escolas de educação básica brasileiras. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 84, p. 671–703, jul./set. 2014.

AMORIM, Simone Rodrigues. **A abordagem da cidadania cultural na formulação do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL**. 2009. 96 p. Dissertação (Mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2009.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 9. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. 315 p.

BONAMINO, Alícia; SOUSA, Sandra Zákia. Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 373–388, abr./jun. 2012.

BRASIL. **Programa nacional biblioteca da escola (PNBE): leitura e biblioteca nas escolas públicas**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. 136 p.

BRANDÃO, Zaia. Fluxos escolares e efeitos agregados pelas escolas. **Em aberto**, v. 17, n. 71, 2008.

CAMPELLO, Bernadete Santos et al. Situação das bibliotecas escolares

no Brasil: o que sabemos? **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 1–29, 2012.

CARNOY, Martin et al. A educação brasileira está melhorando? Evidências do PISA e DO SAEB. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 147, p. 450-485, jul./set. 2013.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. **PISA 2000**: relatório nacional. Brasília: Inep, 2001. 89 p.

FERNANDES, Reynaldo; GREMAUD, Amaury. **Qualidade da educação**: avaliação, indicadores e metas. [S.l.: s.n.], 2009. 20 p.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A escola e o ensino da leitura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39–49, jan./jun. 2002.

FIELD, Andy. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. São Paulo: Bookman Editora, 2009. 688 p.

GAMBOA, Maria José. Plano Nacional de Leitura : na encruzilhada dos discursos. In: JORNADA DE LEITURA INFANTOJUVENIL, 2., 2013, Leiria. **Anais...** Leiria: Instituto Politécnico, 2013. p. 17-24.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. 184 p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Participantes da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA)**. Brasília: Inep, 2014c. 16 p.

_____. **Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas (Inse)**. Brasília: INEP, 2014a. 7 p.

_____. **Nota Explicativa**: resultados Prova Brasil 2013. Brasília: Inep, 2014b. 26 p.

_____. **SAEB 2013**: Microdados da ANEB e Prova Brasil 2013: leia-

me. Brasília: Inep, 2014d. 15 p.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; ALVES, Fatima. Novos olhares para as desigualdades de oportunidades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 805-831, 2012.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010. 166 p.

MANTOVANI, Katia Paulilo. **O Programa Nacional do Livro Didático - PNLD: impactos na qualidade do ensino público**. 2009. 126 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO - OCDE. **Programme for International Student Assessment (PISA): results from PISA 2015**. [S.l.]: OCDE, 2015. 7 p.

OLIVEIRA, Katya Luciane de et al. Leitura e desempenho escolar em português e matemática no ensino fundamental. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 531-540, set./dez. 2008.

OLIVEIRA, Katya Luciane de; BORUCHOVITCH, Evely; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. Compreensão de leitura em alunos de sétima e oitava séries do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, Paraná, v. 11, n. 1, p. 41-49, jan./jun. 2007.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 173-188, jan./abr. 2009.

PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes. **Análise de dados para ciências sociais: a complementariedade do SPSS**. Lisboa: Sílabo, 2014. 694 p.

RODRIGUES, Clarissa Guimarães; RIOS-NETO, Eduardo Luiz Gonçalves; PINTO, Cristine Campos de Xavier. Diferenças